

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOLOGIA

**NEUROSE OBSESSIVA E CONTEMPORANEIDADE:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEMPORALIDADE E O DISCURSO
CAPITALISTA E SEUS DESDOBRAMENTOS NO SOFRIMENTO
PSÍQUICO EM MULHERES**

HELEN ROSA DA SILVA

GOIÂNIA

2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): HELEN ROSA DA SILVA

Título do trabalho: NEUROSE OBSESSIVA E CONTEMPORANEIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEMPORALIDADE E O DISCURSO CAPITALISTA E SEUS DESDOBRAMENTOS NO SOFRIMENTO PSÍQUICO EM MULHERES

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Renata Leite Soares, Professor do Magistério Superior**, em 14/08/2026, às 10:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Helen Rosa Da Silva, Discente**, em 14/08/2026, às 10:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6431356** e o código CRC **672E3E74**.

Referência: Processo nº 23070.032601/2026-09

SEI nº 6431356

HELEN ROSA DA SILVA

**NEUROSE OBSESSIVA E CONTEMPORANEIDADE:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEMPORALIDADE E O DISCURSO
CAPITALISTA E SEUS DESDOBRAMENTOS NO SOFRIMENTO
PSÍQUICO EM MULHERES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de Goiás, como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Psicologia.

Orientadora
Prof^a. Dr^a.Renata Leite Soares

GOIÂNIA-GO

2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Helen Rosa da

NEUROSE OBSESSIVA E CONTEMPORANEIDADE [monografia]:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEMPORALIDADE E O DISCURSO
CAPITALISTA E SEUS DESDOBRAMENTOS NO SOFRIMENTO PSÍQUICO EM
MULHERES / Helen Rosa da Silva. - 2026.

LV, 55 f.:

Orientadora: Prof(a). Dra. Renata Leite Soares

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal
de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Psicologia, Goiânia, 2026.

1. Neurose Obsessiva. 2. Temporalidade. 3. Contemporaneidade. 4.
Discurso Capitalista. 5. Mulheres.
I. Soares, Renata Leite, orient. II. Título.

CDU 159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao primeiro dia do mês de julho do ano de 2026 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “NEUROSE OBSESSIVA E CONTEMPORANEIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEMPORALIDADE E O DISCURSO CAPITALISTA E SEUS DESDOBRAMENTOS NO SOFRIMENTO PSÍQUICO EM MULHERES”, de autoria de HELEN ROSA DA SILVA, do curso de Psicologia, da Faculdade de Educação da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Profa. Dra. Renata Leite Soares-orientadora FE/UFG com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Profa. Dra. Leilyane Oliveira Araujo Masson-FE/UFG. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 9,5, tendo sido o TCC considerado APROVADO.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Renata Leite Soares, Professor do Magistério Superior**, em 01/07/2026, às 18:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leilyane Oliveira Araujo Masson, Professor do Magistério Superior**, em 06/07/2026, às 10:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6304535** e o código CRC **F9D21FFF**.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e ao meu irmão, pelo afeto e suporte incondicionais que viabilizaram tanto a minha caminhada no curso de Psicologia quanto a realização deste trabalho.

À Prof^ª. Dr^ª.Renata Leite Soares pela dedicação, comprometimento ético e paciência, e por cada ensinamento que possibilitou a realização deste trabalho.

Às minhas amigas e meus amigos, pelas palavras de apoio, por acreditarem na minha capacidade, e por sempre me incentivarem a embarcar nessa jornada de um novo curso acadêmico.

Ao corpo docente do curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás, por todos os ensinamentos e pelo compromisso ético.

À Faculdade de Educação e à Universidade Federal de Goiás, pelo apoio institucional e por me proporcionar uma formação crítica e de qualidade.

Litania

Nós nunca nos realizamos.
Somos dois abismos — um poço fitando o Céu.
(Fernando Pessoa)

RESUMO

O presente trabalho aborda a neurose obsessiva na contemporaneidade, partindo do pressuposto de que a configuração social marcada pela sensação de aceleração do tempo e pelo discurso capitalista favorece o discurso obsessivo enquanto defesa contra a castração. Os objetivos desta pesquisa foram: discutir como os sintomas obsessivos se relacionam com a experiência da temporalidade na atualidade, e em um segundo momento articular o discurso capitalista com a incidência do discurso obsessivo em mulheres. Observou-se que a sensação de aceleração temporal está relacionada ao empobrecimento da experiência subjetiva, e à degradação do laço social, o que pode intensificar o sofrimento psíquico na contemporaneidade. Concluiu-se que não é possível desvincular o discurso social da constituição psíquica do sujeito, e que o sofrimento psíquico remete à certa introjeção de uma racionalidade capitalista de gestão da vida privada. Na sociedade capitalista os objetos de consumo entrariam no lugar de um falo imaginário, numa tentativa de tamponar a falta estrutural do sujeito, que condiz com o tipo de defesa da neurose obsessiva de negação do desejo. Quanto à neurose obsessiva feminina, chega-se à conclusão de que a neurose obsessiva na atualidade independe do sexo ou gênero, pois todos os sujeitos, independentemente de sexo ou identidade de gênero, são atravessados pela castração, que está no campo do simbólico. Apesar disso, os sujeitos ainda são atravessados pela face imaginária do falo, o que faz com que a neurose obsessiva feminina seja particularmente devastadora, devido ao imaginário de que o falo, que é o significante da completude, estaria relacionado ao falo enquanto órgão sexual e a seus supostos substitutos. A mulher ficaria envolvida em um discurso de significação fálica que a obstaculariza de confrontar-se com seu desejo. Destaca-se a importância de investigar os sintomas contemporâneos tendo sempre em vista que o sujeito é atravessado pelo seu tempo, portanto, as formas de sofrimento são dependentes da organização social vigente em determinado tempo. Para tal investigação foi realizada uma pesquisa bibliográfica, recorrendo a textos clássicos freudianos e também à produções acadêmicas contemporâneas.

Palavras-chave: neurose obsessiva, temporalidade, contemporaneidade, discurso capitalista, mulheres.

ABSTRACT

This paper addresses obsessive neurosis in contemporary society, starting from the premise that the social configuration marked by the sensation of the acceleration of time and by capitalist discourse favors the obsessive discourse as a defense against castration. The objectives of this research were: to discuss how obsessive symptoms relate to the experience of temporality today, and subsequently, to articulate capitalist discourse with the incidence of obsessive discourse in women. It was observed that the sensation of temporal acceleration is related to the impoverishment of subjective experience and the degradation of the social bond, which can intensify psychic suffering in contemporary times. It was concluded that it is impossible to decouple social discourse from the subject's psychic constitution, and that psychic suffering points to a certain introjection of a capitalist rationality of private life management. In capitalist society, consumer objects take the place of an imaginary phallus in an attempt to plug the subject's structural lack, which aligns with the type of defense in obsessive neurosis that denies desire. Regarding female obsessive neurosis, the conclusion reached is that obsessive neurosis today is independent of sex or gender, since all subjects, regardless of sex or gender identity, are traversed by castration, which belongs to the field of the symbolic. Despite this, subjects are still traversed by the imaginary dimension of the phallus, which makes female obsessive neurosis particularly devastating due to the imaginary notion that the phallus - the signifier of completeness - is related to the phallus as a sexual organ and its supposed substitutes. The woman becomes entangled in a discourse of phallic signification that hinders her from confronting her desire. This highlights the importance of investigating contemporary symptoms while keeping in mind that the subject is traversed by their time; therefore, forms of suffering depend on the prevailing social organization of a given period. For this investigation, a literature review was conducted, drawing on classical Freudian texts as well as contemporary academic productions.

Key-words: Obsessive neurosis, temporality, contemporaneity, capitalist discourse, women.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. TEMPORALIDADE, EXPERIÊNCIA E NEUROSE OBSESSIVA.....	13
1.1. Bases teóricas da neurose obsessiva.....	20
1.2. Breve retorno ao cenário contemporâneo.....	29
2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A NEUROSE OBSESSIVA EM MULHERES.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	49

INTRODUÇÃO

O sujeito contemporâneo é um sujeito em busca de singularidade, que sob a égide da liberdade procura se defender de uma universalidade normativa (Roudinesco, 2000). Segundo Roudinesco, o sujeito se tornou o oposto de sujeito ao ser capturado por essa lógica da individualidade, “dando a si mesmo a ilusão de uma liberdade irrestrita, de uma independência sem desejo e de uma historicidade sem história” (Roudinesco, 2000, p. 3). Frente a esse cenário, cresce cada vez mais a medicalização da vida, pois a medicina passa a tratar o sujeito como um igual sem singularidade.

Em meio a essa crise do sujeito, a Psicanálise, fundada em 1900 por Freud, segue resistindo, justamente na contrapartida de uma lógica da individualização, numa tentativa de devolver ao sujeito sua condição de sujeito do inconsciente e do desejo, restituindo-lhe a historicidade de seu sofrimento contra as tentativas de silenciamento promovidas pelas normas sociais vigentes (Roudinesco, 2000). Tendo em mente que a Psicanálise pode ser ainda hoje, uma chave de leitura que prioriza a emancipação do sujeito, o presente trabalho se utiliza dessa mesma chave para tratar da subjetividade e do sofrimento psíquico na atualidade.

Uma das marcas da contemporaneidade é uma sensação generalizada de aceleração do tempo, que Maria Rita Kehl (2009) define como um fenômeno social intrinsecamente relacionado à dinâmica da sociedade capitalista. O tempo cronológico e utilitário dita os ritmos de trabalho e de descanso, convertendo-se em uma ferramenta de controle (Kehl, 2009). Essa lógica utilitária favorece o que Walter Benjamin denomina degradação da experiência, que pressupõe uma relação duradoura com o passado e a construção de narrativas (Benjamin apud Kehl, 2009). Para além da perda da experiência, o avanço da modernidade e o imperativo neoliberal transformaram o viver em um modelo de autogestão empresarial (Dunker, 2015). Na atualidade, o indivíduo é compelido a ser produtivo, mesmo nas horas deveriam ser de descanso, já que o ócio é rechaçado por uma lógica mercadológica que invadiu até a vida privada do sujeito contemporâneo, que se vê submetido a uma pressão implacável por desempenho, sucesso e autodisciplina (Dunker, 2015). O fracasso em atingir esses ideais mercadológicos, quase sempre inatingíveis, gera uma profunda angústia e uma severa autoculpabilização (Franco et al., 2020).

O presente trabalho é construído a partir da hipotetização de que haveria uma correlação entre o modelo de gestão de vida baseado no capitalismo neoliberal e o

desenvolvimento da sintomatologia característica da neurose obsessiva. A estrutura clínica obsessiva, permeada pela culpa, pela dúvida e pela compulsão, espelha o sofrimento imposto pela organização social atual. O sujeito obsessivo encontra-se aprisionado em uma ambivalência paralisante entre a necessidade de obedecer e o medo de ser engolfado pelas exigências do Outro, ao mesmo tempo que tenta incessantemente corresponder ao seu desejo (Faria, 2025). Na tentativa defensiva de evitar a angústia da castração e o reconhecimento de sua própria falta estrutural, o obsessivo anula ou suspende o próprio desejo que, na perspectiva lacaniana, tem a sua origem no Outro (Lacan, 1957).

A sociedade de consumo, ao fomentar a ilusão de que é possível obter a completude através do sucesso e da acumulação, proporciona o terreno ideal para que o obsessivo sustente a sua fantasia de completude (Dunker, 2015). O imperativo contemporâneo do gozo e a ditadura da performatividade não resolvem a questão da falta; pelo contrário, intensificam a culpa e inserem o sujeito em uma roda giratória de dívida simbólica impagável e sacrifício contínuo (Dunker, 2015; Castro, 2022).

O presente trabalho é estruturado em dois capítulos. No capítulo 1, em um primeiro momento será construído um panorama a respeito do esvaziamento da experiência associado à sensação de aceleração do tempo que se intensificou desde a modernidade, com o advento das máquinas para intensificar a produção (Kehl, 2009). O controle do tempo, visando uma eficiência cada vez maior em termos de produção, é transposto também para a vida pessoal do sujeito contemporâneo, que fica cada vez mais privado do ócio.

Em um segundo momento do primeiro capítulo, serão discutidas as bases conceituais da neurose obsessiva na obra de Freud, contextualizando manifestações clínicas como a ruminação, a dúvida e as inibições (Roudinesco & Plon, 1998; Fink, 2024). Pretende-se traçar um percurso que demonstre a evolução do desenvolvimento da teoria metapsicológica concebida por Freud sobre a neurose obsessiva. Tal percurso irá nos primórdios da teoria, onde Freud concebeu a neurose obsessiva enquanto uma neurose de defesa ou de recriminação cuja origem estaria relacionada a uma estimulação precoce de ordem ativa (Freud, 1896). Em seguida, aborda-se a hipótese da regressão à fase sádico-anal, que justifica o recuo da libido a um estágio pré-genital dominado por impulsos de agressividade, controle e pela ambivalência entre amor e ódio herdada do conflito edípico, oscilando entre sintomas de ordem negativa e satisfações substitutivas (Freud, 1909, 1913). Por fim, discute-se a relação dessa sintomatologia com a constituição de um Supereu severo e tirânico (Freud, 1923, 1926), responsável pela introjeção da lei moral (Lacan, 1957) e por uma agressividade

voltada contra o próprio Eu (Freud, 1930), processo que converte o desejo em uma dívida impagável e gera um sentimento crônico de culpa e autopunição que contrasta com o rigor ético e o vigor intelectual desse sujeito (Freud, 1909, 1930).

Após a conceituação acerca da neurose obsessiva, será discutida a influência da configuração social contemporânea na sintomatologia obsessiva, demonstrando como o "Mal-estar na cultura" (Freud, 1930) se atualiza sob as exigências da configuração social atual e como isso se articula com o discurso obsessivo. A partir de então discutiremos a hipótese de como a severidade de um Supereu tirânico e a lógica do desejo impossível, mantido em eterna suspensão para evitar o confronto com a castração estrutural (Lacan, 1957; Fink, 2020), podem se articular com o discurso do capitalismo neoliberal. Dessa forma será discutido como os imperativos de performance, hedonismo e autogestão da sociedade capitalista (Fortes, 2009), parecem estar em consonância com o modo de subjetivação do obsessivo, que está sempre à voltas com uma dívida impagável (Castro, 2022).

No segundo capítulo será introduzida a incidência da neurose obsessiva em mulheres, a partir da constatação de autores contemporâneos de que há cada vez mais mulheres atravessadas pela sintomatologia obsessiva na clínica psicanalítica da atualidade. Parte-se do pressuposto de que a Psicanálise tradicionalmente teve uma tendência de binarizar as estruturas clínicas, associando a histeria ao universo feminino e a obsessão ao masculino. Isso em parte se deu devido à redução da sexualidade ao binarismo oriundo da diferença anatômica, que Freud não conseguiu superar por completo (Kehl, 2007). Mesmo após as contribuições de Lacan, que tratou as estruturas clínicas como modalidades de discurso, para além da diferença sexual anatômica (Faria, 2025), ainda há implicações clínicas e sociais da chamada primazia do falo, que por muito tempo foi sinônimo de primazia do pênis (Vigil, 2022).

Uma das questões discutidas no segundo capítulo é de que as conquistas femininas no que diz respeito à inserção da mulher nos espaços públicos da sociedade também a inseriu na lógica capitalista alta produtividade, do individualismo e da meritocracia. A hipótese é que o acúmulo de papéis das mulheres está relacionado a uma auto exigência exaustiva em busca de um ideal inalcançável. A hipótese é que nesse cenário de alta performance, a insatisfação histórica cede espaço a um trânsito em direção à "obsessionalização do discurso" feminino (Costa, 1999).

A partir do que foi apresentado até aqui, delimita-se que o objetivo principal do presente trabalho é compreender como os sintomas obsessivos se relacionam com o modelo

socioeconômico contemporâneo e como isso aparece em mulheres. Para isso, o trabalho será estruturado em torno de três questões específicas. Em um primeiro momento, no Capítulo 1, o objetivo inicial será compreender a neurose obsessiva como uma fonte de sofrimento psíquico que se articula com a perda da experiência na contemporaneidade. Posteriormente serão discutidas as bases teóricas da neurose obsessiva, a princípio com base na metapsicologia concebida por Freud, e posteriormente trazendo algumas contribuições teóricas de Lacan. No segundo capítulo serão investigados a princípio os possíveis motivos pelos quais a neurose obsessiva tem aparecido de forma expressiva em mulheres, em relação à neurose histérica, considerando o acúmulo de papéis das mulheres associados à exploração capitalista do trabalho não remunerado e remunerado. Para concluir o segundo capítulo, será investigado como a estrutura obsessiva se articula aos imperativos do discurso capitalista formalizado por Lacan. Esse percurso exigirá uma retomada do conceito de falo em suas duas vertentes: enquanto representante imaginário que promete uma falsa completude ao sujeito, e enquanto significante simbólico da falta que institui a castração. Ao tensionar essas duas faces do falo, buscar-se-á demonstrar de que maneira a sintomatologia obsessiva contemporânea, especificamente na mulher, opera para tentar tamponar a castração.

Para realizar tais investigações e discussões, este estudo se desenvolverá, do ponto de vista metodológico, sob a forma de pesquisa bibliográfica. Segundo Lima e Miotto (2007) pesquisa bibliográfica é um conjunto de procedimentos que visam a busca por soluções, com um objeto de estudos bem estabelecido. Na pesquisa bibliográfica, a aproximação com o objeto de estudo se dá por meio de fontes bibliográficas. É um “processo aprofundado sobre a construção de um conhecimento que envolve um objeto”, sendo também um processo reflexivo, fazendo o caminho do real até o objeto de pesquisa e possibilitando novas mediações sobre tal objeto (Lima e Miotto, 2007, p. 40).

A presente pesquisa portanto será realizada seguindo os passos da pesquisa bibliográfica. Primeiramente será feito o levantamento de dados sobre neurose obsessiva, tema principal deste trabalho. Para isso será realizada uma busca nos principais textos de Freud que tratam da neurose obsessiva e dos sintomas obsessivos, para uma compreensão da construção conceitual acerca do tema. Além de ir diretamente em Freud, também será realizada uma busca por textos de comentadores contemporâneos da obra de Freud, para facilitar a compreensão dos conceitos abordados pelo psicanalista. Para além de textos teóricos sobre a neurose obsessiva, será realizada uma busca por artigos, livros e demais produções acadêmicas que tratem do tema temporalidade na contemporaneidade e sua relação

com a dimensão psíquica do sujeito contemporâneo, tendo como ponto de partida o livro “O tempo e o cão” da autora Maria Rita Kehl (2009). Por fim será feita uma busca por produções sobre a incidência da neurose obsessiva em mulheres, em bases de dados especializadas no campo da psicanálise, tais como o portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e a plataforma da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA). Após a seleção dos artigos, será realizada a leitura crítica das obras, tendo como objetivo inicial “ordenar e sumarizar as informações contidas nos textos” (Lima e Miotto, 2007). Buscar-se-á realizar uma articulação crítica e contextual, analisando a neurose obsessiva no cenário atual, relacionando-a com a percepção de tempo no modelo neoliberal e investigando sua incidência específica em mulheres frente às formas de exploração capitalista. Por fim, será realizada uma leitura interpretativa em busca de uma síntese das ideias dos diferentes textos para responder às questões propostas no presente trabalho.

1. TEMPORALIDADE, EXPERIÊNCIA E NEUROSE OBSESSIVA

Maria Rita Kehl (2009) em seu livro “O tempo e o cão”, aborda a sensação de aceleração do tempo como um fenômeno social relacionado à contemporaneidade em decorrência das demandas da sociedade capitalista. Tal sensação diz respeito a um pensamento recorrente bem conhecido nos tempos atuais de que o tempo está passando cada vez mais rápido, ou de que há cada vez menos tempo para as atividades do dia a dia. Mais de dez anos antes do livro em questão, em 1995, a mesma autora escreveu sobre o que ela chamou de transformação da reflexão em espetáculo, ao falar da alienação provocada pela presença massiva da televisão nas casas das famílias brasileiras. Segundo Kehl, uma das principais mediações entre o sujeito e a realidade se dá pela via do pensamento. É por meio do pensamento que o sujeito reflete sobre si mesmo e sobre o mundo ao seu redor, o que pode inclusive resultar na capacidade de transformar o que ele conhece por realidade (Kehl, 1995). Nesse sentido, a televisão estaria interferindo justamente em tal capacidade de reflexão, ao alienar o sujeito produzindo uma dimensão desejante administrada e a sensação de uma satisfação imediata para esse desejo, em forma de espetáculo (Kehl, 1995, p. 171).

Hoje, já passado um quarto do século vinte e um, algo substituiu a televisão, ocupando um lugar ainda mais central na vida das pessoas, com o advento da internet. As mídias digitais, especialmente com o advento das redes sociais, tomaram uma proporção muito maior que a TV em termos de influência, e nesse sentido pode-se pensar em uma dimensão ainda maior dessa perda da reflexão nos tempos atuais, acompanhando um tipo de espetacularização da vida cada vez maior, geralmente associado a uma produção massiva do denominado conteúdo digital, cujas proporções são cada vez maiores. A quantidade massiva e a velocidade de imagens a que o sujeito da contemporaneidade está exposto por meio dos dispositivos portáteis conectados à internet saturam a sua percepção (Jerusalinsky, 2017).

Jerusalinsky (2017) alerta para a falta de tempo necessário para elaborar aquilo que é percebido por meio de tais imagens, utilizando para tal análise os termos esquecimento e memória, no sentido de esquecer para depois rememorar e então poder elaborar. Esse esquema não é possível com tamanha exposição de imagens e frases soltas, pois não há tempo suficiente entre uma imagem e outra. Segundo a autora é necessário um intervalo de tempo para esquecer e rememorar, que constitui a vivência das coisas. Há um excesso de imagens, e os textos ficam cada vez mais curtos, e essa velocidade muda a forma com que se

experiencia o tempo, tudo fica obsoleto rápido demais (Jerusalinsky, 2017), sendo necessária uma corrida contra o tempo para poder acompanhar o ritmo da internet.

As redes sociais, com os milhares de influenciadores digitais, desempenham um papel mais amplo e em massa, comparado à televisão dos anos 90, ditando os desejos e as formas de consumo ideais para o sujeito contemporâneo que com eles se identificam. Jerusalinsky (2017) alerta ainda que no universo virtual das redes, o que importa é muito mais o parecer e não o ser, o que faz com que o sujeito fique preso numa rede de pseudo notícias e pseudo verdades, que afetam drasticamente sua concepção de realidade.

Essa perda de reflexão pode ser relacionada à maneira como o sujeito do capitalismo experimenta a temporalidade e, ao mesmo tempo, à forma como o modo de produção capitalista produz a temporalidade a partir do modo de organização do trabalho e da produção. A temporalidade é uma dimensão fundamental do que se denomina sociedade, sendo impossível desvincular esta daquela (Resende, 1987), isso porque uma sociedade se constitui também no espaço e no tempo. Apesar da inquestionabilidade da existência do tempo, a relação das sociedades com a temporalidade não é imutável. Segundo Kehl (2009), o tempo é uma construção social, e a própria “ordem social é marcada pelo controle do tempo” (Kehl, 2009, p.111), sendo o modo de gestão do tempo relacionado com as relações de poder e de produção no meio social. Ao trabalhar em uma empresa, por exemplo, o trabalhador vende seu tempo para os donos dos meios de produção, e grande parte desse tempo é utilizado para produção de mais valia, lucro que vai para quem detém o poder. Nesse sentido, o sujeito não é dono de parte do seu tempo, já que seu tempo é administrado em função de outros e pelos outros.

Tempo tem relação com duração, que é uma condição necessária para o instante do acontecimento, que possibilita o sujeito compreender suas escolhas e concluir sobre elas (Kehl, 2009). A partir disso, percebe-se o tipo de consequência de uma relação empobrecida com o tempo, numa sociedade em que tudo é efêmero e transitório, a exemplo dos “reels” das redes sociais atuais, onde quanto mais conteúdos diferentes em um menor tempo, melhor, para a monetização. Ainda segundo Kehl (2009), a temporalidade sem a experiência da duração, puramente baseada em instantes sucessivos e ações impulsivas é uma temporalidade vazia, onde não há criação nem experiência significativa que atribua valor ao tempo vivido.

Nas sociedades ocidentais, desde a modernidade, a maior parte do tempo de um sujeito é preenchido pelo trabalho, termo aqui utilizado no sentido de atividade remunerada. O tempo cronológico serve ao capitalismo ao determinar a hora de acordar, a hora de ir para o

trabalho e a hora de descansar. Resende (1987), citando Max, diz que o trabalho remunerado, tal qual se configurou na sociedade capitalista, é um trabalho forçado, pois o sujeito não se sente bem ao trabalhar, pois está alheio ao que produz, ao ato de produzir e à historicidade envolvida nesse processo. O sujeito, como resultado dessa dinâmica, não se reconhece naquilo que produz. Pode-se sobrepor esse princípio à ideia de experiência aqui desenvolvida, em um sentido de que no trabalho alienado o sujeito está de certa forma privado da experiência, pois ele é privado do tempo para a reflexão e elaboração no ato de produzir. Como não há a compreensão sobre o sentido da produção, há um distanciamento entre o sujeito e seu trabalho. Para além do trabalho remunerado, tal dinâmica mercadológica estende-se a outras esferas da vida social e à própria dimensão psíquica do sujeito trabalhador, submetendo a singularidade das relações intersubjetivas aos imperativos quantitativos de produtividade e consumo (Resende, 1987).

Para além da atividade laboral, aspectos da vida cotidiana são agora regidos pela substituição da qualidade pela quantidade. Há uma invasão das horas de descanso por conteúdos midiáticos e virtuais cada vez mais esvaziados de significados, nos quais a brevidade extrema dos conteúdos, muitas vezes reduzidos a estímulos visuais de poucos segundos, impede qualquer esforço de elaboração psíquica por parte do espectador (Jerusalinsky, 2017). Nesse cenário, Jerusalinsky (2017) afirma que o tempo de ver, compreender e elaborar foram substituídos pelo tempo efêmero de visualizar, tempo esse tão comprimido que impede o sujeito de compreender, o que impede qualquer construção subjetiva a respeito do que é visualizado.

Dentre os conteúdos consumidos, há imagens de pessoas aparentemente bem sucedidas e sempre supostamente felizes, que, por meio de uma cadeia de monetização, passam a ditar o que é bom, o que é ruim, o que deve ser desejado, o que deve ser consumido. Dessa forma, o tempo de descanso, não investido na atividade laboral, que seria o tempo do ócio e da reflexão, agora não é mais preenchido com experiências singulares, e sim por um fluxo incessante de imagens e mercadorias elevadas ao estatuto de supostos objetos de desejo (Lutoza, 2009).

Segundo Kehl (2009), haveria uma perda da dimensão do desejo quando o desejo, bem como as suas formas de satisfação, é reduzido em uma demanda já dada previamente. Tal fenômeno ocorre nos tempos atuais, onde a vida do sujeito é gerida pela lógica mercadológica, que passa a ditar tanto o desejo quanto a satisfação. Nesse sentido, a experiência é substituída por uma vivência baseada no sistema “percepção-consciência em

resposta aos estímulos do presente, um presente tornado tanto mais contraído quanto mais intensamente a necessidade de responder a tais estímulos” (Kehl, 2009, p.155).

Kehl (2009) refere-se ao sociólogo Walter Benjamin para dizer da perda da experiência na atualidade, experiência esta que pressupõe uma elaboração da relação entre presente e passado para a construção de narrativas a partir dessa relação. Kehl (2009) recorre à tese de Walter Benjamin sobre a desmoralização da experiência para evidenciar como a aceleração temporal na contemporaneidade rompe os mecanismos sociais que vinculam a memória pessoal à das gerações passadas (Benjamin *apud* Kehl, 1995). Diferente da mera vivência, que se restringe à percepção em um presente imediato, a experiência pressupõe a duração necessária para que o sujeito enlace o presente ao passado, permitindo a construção de narrativas que confirmem algum sentido ao vivido (Kehl, 2009). Segundo a autora, quando não há possibilidade de historicização, o sujeito vê-se expropriado de sua própria história, restando-lhe apenas uma vivência esvaziada e desprovida de um saber passível de transmissão. Tal fenômeno se intensificou com o desenvolvimento tecnológico na modernidade, especialmente após a Primeira Guerra Mundial, devido à intensificação da produção industrial (Benjamin *apud* Kehl, 1995). Conclui-se, portanto, que é por meio da experiência, que se dá na relação do sujeito com o tempo, que há a possibilidade da construção do imaginário, que por sua vez pode ser passado de geração para geração. Construir uma narrativa exige tempo para elaboração, exige ócio, e em tempos de uma produtividade cada vez mais esvaziada de sentido, tal ócio é demonizado, justamente pelo *modus operandi* do mercado que passou a reger as diversas esferas da vida do sujeito contemporâneo.

Dessa forma, a lógica do mercado passa a invadir o campo do desejo, que passa a ser imediatista e superficial, ficando apenas na dimensão percepção-consciência, sem chegar ao campo da experiência (Kehl, 2009). Em outras palavras, a experiência, diferente da vivência, é um saber que pressupõe a construção de representações psíquicas que confirmem algum valor e significado ao que foi vivido. Esse saber está relacionado à consolidação de memórias, que por sua vez são passíveis de transmissão entre gerações. Essa construção de saber estaria sob a regência do que Freud denominou princípio da realidade, em contraposição ao princípio do prazer que predomina no início da vida dos seres humanos.

Segundo Freud (1911, 1920), no princípio da vida, o bebê é regido pelo que ele chamou de princípio do prazer, que implicaria em uma busca por uma satisfação imediata. Há, portanto, um empenho em ganhar prazer e ao mesmo tempo em afastar qualquer tipo de

desprazer, por meio de um afastamento da atividade psíquica, que culmina na repressão (Freud, 1911). Freud acrescenta que tal imperativo de satisfação é tamanho que o bebê alucina com o seio da mãe para obter satisfação, e esta alucinação, tal como um sonho, possibilita uma satisfação imediata do desejo pelo seio materno. Mesmo na vida adulta, o ser humano continua com a tendência de fugir de situações penosas, e nos sonhos, segundo Freud (1911), há um tipo de satisfação alucinatória de desejos inconscientes, havendo indícios de que o princípio do prazer ainda opera em certo ponto no funcionamento psíquico adulto.

No entanto, a satisfação alucinatória é insuficiente para a sobrevivência do sujeito frente às demandas da realidade. Além da decepção, há a impossibilidade de sobrevivência pela via alucinatória, e desse modo, posteriormente, ocorre a substituição do princípio do prazer pelo que Freud denominou princípio da realidade, a partir da impossibilidade de sobrevivência apenas pela via da alucinação (Freud, 1911, 1920). Nas palavras do autor:

Apenas a ausência da satisfação esperada, a decepção, levou a que se abandonasse a tentativa de satisfação por meio alucinatório. Em vez disso, o aparelho psíquico teve que se decidir a formar uma ideia das reais circunstâncias do mundo exterior e se empenhar em sua real transformação. Com isso foi introduzido um novo princípio de atividade psíquica; já não se imaginava o que era agradável, mas sim o que era real, ainda que fosse desagradável. (Freud, 1911)

Desse modo, a satisfação imediata das pulsões não são compatíveis com a vida real, é necessário que o sujeito aprenda a adiar a satisfação e a tolerar o desprazer que a espera possa causar. O princípio da realidade não é a ausência de prazer, mas o reconhecimento da realidade, havendo a substituição por vias mediadas de satisfação.

Nesse sentido, haveria a substituição de uma realização absoluta do desejo, que seria proporcionada por um objeto para sempre perdido e, portanto, inexistente, por um prazer possível na dimensão da realidade. Tal substituição, idealmente, se daria pela via do pensamento. Freud (1911) afirma que para tornar possível tal mecanismo, foi estabelecida uma função especial, a atenção, “que devia examinar periodicamente o mundo exterior, para que seus dados já fossem conhecidos quando surgisse uma necessidade interior inadiável”. A partir dessa função - da atenção, há a possibilidade de antever um acontecimento ou impressão por meio de um sistema de registro baseado em experiências prévias. Freud hipotetiza que é por meio do processo de pensamento que existe a possibilidade do sujeito suportar o adiamento da satisfação (Freud, 1920).

É justamente esse registro, que segundo Freud é parte do que chamamos de memória, que é ameaçado pelo que Kehl (2009), em consonância com Benjamin, chama de desmoralização da experiência na modernidade. Aquela obrigatoriedade de prazer imposta pelo capitalismo, além da necessidade de um prazer imediato e evitação de qualquer

frustração, impede o confronto com a realidade e a construção de um saber sobre si mesmo e sobre o próprio sofrimento, já que o encontro com o sofrimento é adiado ao máximo na sociedade contemporânea, bem como ocorre na lógica do princípio do prazer. É como se o sistema de registro apontado por Freud (1912) falhasse, pois a consolidação da memória e da experiência exige uma duração temporal incompatível com a pressão da velocidade imposta na sociedade contemporânea. Há uma passividade na percepção de estímulos que não mais passa pela atenção ativa que Freud (1912) aponta como necessário para a consolidação da memória.

A maneira como as pessoas lidam com suas vidas, portanto, tem sido cada vez mais influenciada por um modelo de gestão do tempo baseado em produtividade e eficiência. O tempo passa a ser sinônimo de produtividade, e assim o ócio, que antes era o espaço para a assimilação e compartilhamento de ideias, fica cada vez mais depreciado e administrado sob a ótica da produção capitalista. Segundo o sociólogo alemão Hartmut Rosa (2022), o próprio processo de modernização é um processo de “aceleração social”, cuja raiz foi a diminuição do tempo de produção devido aos avanços tecnológicos.

Segundo a tese principal do sociólogo, não é o tempo que acelerou com a modernidade, já que uma hora continua sendo uma hora, um dia sendo um dia, e assim sucessivamente. O que acelerou foram os processos de produção, que acompanharam a modernização instrumental e tecnológica. A economia do tempo de produção é acompanhada por uma “escassez temporal”, o que está de acordo com essa sensação de haver cada vez menos tempo, pois na atualidade pode-se produzir cada vez mais em menos tempo. Dessa forma o pensamento também tende a ficar cada vez mais acelerado, e até mesmo empobrecido, o que está de acordo com o empobrecimento da experiência, que é a tese de Walter Benjamin defendeu nos anos 1930, cujo cenário era uma Europa em processo de modernização e que ao mesmo tempo tentava se recuperar após a Primeira Guerra Mundial (Kehl, 2009).

Considerando a cultura da produtividade e eficiência vigente na contemporaneidade, constituída e produzida no âmbito do capitalismo neoliberal, compreende-se que há um sofrimento psíquico na atualidade, oriundo de tal sensação de aceleração temporal e a perda da experiência. Tal sofrimento parece estar em consonância com parte da sintomatologia da neurose obsessiva. A estrutura obsessiva é atravessada por culpa, dúvida e compulsão (Freud, 1909), que podem por sua vez ser considerados um tipo de sofrimento expressivo da própria forma de produção e organização da sociedade capitalista.

Segundo Dunker (2015), o modo de produção na sociedade capitalista neoliberal transformou o viver em um modelo de autogestão empresarial, em que prevalece a necessidade de produzir. Dessa forma “uma vida é boa se ela é essencialmente produtiva, agitada, dinâmica, ocupada” (Dunker, 2015, p. 191), e tal concepção de vida produz um sofrimento psíquico cuja base é o desamparo, insegurança e a angústia. Essa necessidade de produtividade está também relacionada à pauperização da vida psíquica abordada por Kehl (2009), em decorrência da velocidade e da pressa que impedem o sujeito de construir a própria relação com a temporalidade, que por sua vez possibilita a experiência, como discutido anteriormente no presente capítulo.

Segundo Franco *et al* (2020), tal visão empobrecida do sujeito sobre si mesmo, estaria relacionada à redução do sujeito à lógica da mercadoria, onde cada um passa a ser considerado como capital. Nas palavras do autor:

os sujeitos passam a se compreender como empresas submetidas à insegurança típica da dinâmica dos mercados. Em uma sociedade competitiva, os indivíduos comparam e hierarquizam constantemente coisas e pessoas, sendo eles mesmos passíveis de (des) classificação a todo momento. (Franco et al, 2020, p. 71 apud Dunker e Safatle, 2021)

Há um superinvestimento do sujeito em si mesmo, que é confundido com realização pessoal, mas que está submetido a uma pressão externa por autodisciplina e inflexibilidade. Franco et al. (2020) reforçam que essa mercantilização do sujeito faz com que ele esteja sempre vivendo sob a lei da valorização do capital. Ao internalizar essa dinâmica de mercado, o sujeito passa a exigir de si mesmo sucesso e alta performance, e a não realização desse ideal de sucesso muitas vezes inatingível, provoca uma angústia associada ao fracasso e autoculpabilização (Franco et al. 2020). Segundo Freud (1926), parte do sofrimento obsessivo refere-se a uma autoculpabilização associada a um Supereu severo e punitivo. Sob a ótica desse autogerenciamento ditado pela lógica mercadológica, levanta-se a hipótese que este seria um cenário que favorece o sofrimento característico da neurose obsessiva. A lógica mercadológica que passa a estruturar a vida do sujeito tanto na vida profissional quanto no âmbito pessoal e privado propicia um cenário para o surgimento de sintomas obsessivos. Freud (1907) descreveu sintomas compulsivos ou proibitivos acompanhados por um sentimento de culpa constante e que pode ser acompanhado por uma “angústia expectante”. Ao sobrepor tal descrição com a discussão aqui realizada sobre a lógica vigente de gestão de si mesmo na contemporaneidade não é difícil inferir que a visão mercadológica imposta pelo capitalismo contribui para fomentar um sofrimento característico da sintomatologia da neurose obsessiva.

Dunker (2015), em “Mal estar, sofrimento e sintoma”, discorre acerca de um modo de sofrimento centralizado no medo da perda material, de fortuna, de bens materiais, de posição, de status. Tal medo vem acompanhado de um constante sentimento de dívida simbólica responsável por um tipo de masoquismo moral, advindo daí restrições e proibições do sujeito em relação a si mesmo. O autor também cita o sofrimento relacionado ao consumo ou a objetos de consumo, seja por meio da acumulação ou do excesso, da adição, ou da recusa em consumir. Independentemente do objeto, este seria um objeto intrusivo, que ameaçaria a integridade do sujeito. O sujeito fica à mercê de uma lógica de consumo que lhe é imposta. Mais uma vez há uma aproximação entre esse tipo de sofrimento e a sintomatologia obsessiva, no que diz respeito à ambivalência entre necessidade de obediência por medo de uma retaliação, e ao mesmo tempo pelo receio da perda da própria subjetividade ao se submeter ao desejo do outro (Faria, 2025).

É de se esperar que em um cenário de alta competição, alta exigência, em uma cultura que preza pelo individualismo mas que ao mesmo tempo dita padrões de comportamentos cada vez mais homogêneos e massificados, haja uma intensificação dos sintomas típicos da neurose obsessiva. Ao mesmo tempo que há um desejo de se proteger da dominação do Outro, há a tentativa incessante de corresponder ao seu desejo. Isso porque a culpa, a dúvida e a compulsão, que são sintomas típicos da estrutura obsessiva (Freud, 1909) podem também ser considerados sintomas da própria sociedade capitalista, devido à visão de sujeito imposta por essa organização de sociedade.

1.1. Bases conceituais da neurose obsessiva

Freud (1896), nos seus manuscritos oriundos de cartas a Fliess, descreve as neuroses de defesa como "aberrações patológicas de estados psíquicos afetivos normais" (Freud, 1896, p. 23), onde a defesa contra lembranças desprazerosas acabam por causar um desprazer maior que o desprazer associado ao estímulo ou acontecimento original. Dentre essas neuroses, a neurose obsessiva, segundo Freud (1896), seria uma neurose de recriminação, onde o sujeito é tomado por pensamentos intrusivos e recorrentes, que são considerados inúteis, por vezes desagradáveis e até mesmo absurdos.

No princípio da construção da teoria acerca da neurose obsessiva, Freud (1896) postulou que a princípio, na primeira infância, houve uma experiência de ordem sexual primária provida de prazer, como alguma estimulação precoce, sozinha ou com outra criança.

Tal vivência, em um segundo momento, seria lembrada, ou seja, retornaria ao nível consciente, causando desprazer, sob a forma de uma recriminação e censura. Futuramente haveria o recalque tanto da experiência - primeiro momento, quanto da lembrança- segundo momento, a princípio devido à precocidade do aparato psíquico para elaborar tal experiência (Freud, 1896). No entanto, em algum momento posterior, o afeto retorna, agora associado a novas representações. As recriminações advindas da lembrança da vivência anterior seriam distorcidas por meio de um trabalho psíquico inconsciente, havendo substituição ou transformação do conteúdo recalcado, sendo o afeto direcionado para outra representação, como forma de defesa (Freud, 1896).

No desenvolvimento de sua obra, em uma fase posterior, Freud (1913) rompeu com a hipótese de estimulação precoce, ou ato de natureza sexual precoce, sugerindo que os sintomas obsessivos seriam provenientes de uma fixação a um estágio do desenvolvimento sexual anterior à primazia das zonas genitais, especificamente à fase anal. Essa fase corresponde à fase do controle dos esfíncteres.

Na fase pré genital “não se encontram os instintos parciais genitais, e sim os sádicos e os anais” (Freud, 1917, p.352), onde há um impulso de apoderamento que Freud chama de sadismo. Nessa fase predomina o controle e agressividade, relacionado justamente à capacidade de reter ou não as fezes e urina, que podem agora ser utilizadas como uma espécie de presente, ou não. Freud (1917) postula que essa relação da criança com as fezes se origina de uma imposição social, quando os cuidadores ditam que há um momento certo para excretar, introduzindo uma implicação moral neste ato. O controle dos esfíncteres seria então uma virada de chave nesse sentido, pois implicaria em uma capacidade de controlar os cuidadores por meio da excreção.

Freud, já em 1926, na obra “Inibição, sintoma e angústia” sustenta a hipótese de que a constituição da neurose obsessiva estaria relacionada à regressão à fase sádico-anal, onde se origina a agressividade e a manipulação pelo controle da evacuação. Esse recuo à uma fase pré-genital mantém a energia sexual concentrada nessa fase, o que funciona como uma defesa contra “as exigências da libido”, que são relacionadas ao componente erótico da fase genital. Assim, a energia sexual permanece ligada aos “impulsos destrutivos da fase sádica”, ao invés de ser desviada à libido sexual erótica (Freud, 1926, p. 36), sendo essa regressão decisiva para a constituição do sujeito neurótico obsessivo.

Diferente do que ocorre na histeria, o neurótico obsessivo seria incapaz de realizar a conversão do conteúdo recalcado para um sintoma de ordem física, e a saída para o recalque

é separar a representação do afeto relacionado a tal representação, que permanece na esfera psíquica consciente (Freud, 1917). Há portanto, uma parte do mecanismo que permanece na esfera consciente, nas palavras de Freud:

As ideias e impulsos obsessivos não são, eles próprios, inconscientes, assim como tampouco a execução das ações obsessivas escapa à percepção consciente. Não teriam se tornado sintomas, se não houvessem penetrado a consciência. Mas suas precondições psíquicas (...) são inconscientes. (Freud, 1917b, p.302)

O afeto é então desligado desta representação para se ligar a outras representações substitutivas aparentemente sem relação com o afeto inicial, havendo uma falsa relação, portanto, entre afeto e outras representações conscientes, e essas são as representações obsessivas (Freud, 1896).

Em 1909, Freud ampliou a definição de representações obsessivas para o que chamou “pensar obsessivo”, dizendo que podem haver diferentes atos psíquicos para tal estrutura. Ele afirma:

De fato, é mais correto falar de “pensar obsessivo” e destacar que as estruturas obsessivas podem ter o valor dos mais diversos atos psíquicos. Podem ser definidas como desejos, tentações, impulsos, reflexões, dúvidas, ordens e proibições. Em geral, os pacientes esforçam-se para atenuar essa definição e apresentar como representação obsessiva o conteúdo despojado de seu índice de afeto.

Freud ainda fala sobre uma luta defensiva contra tais “ideias obsessivas”, essa luta consiste na formação do que ele chama de “delírios”, que consiste em uma mistura dos pensamentos obsessivos e uma tentativa de racionalização, o que culmina com as compulsões e ruminações sem sentido lógico. Tais compulsões podem ser da ordem do absurdo, por isso delirantes, podendo apresentar um conteúdo que causa certo horror ao sujeito, como desejos repentinos de realizar atos vergonhosos ou até mesmo crimes graves. Tais pensamentos e desejos causam repulsa ao sujeito, que adota, como estratégia de defesa, uma postura de cautela, com “proibições, renúncias e restrições à própria liberdade” (Freud, 1917, p. 281).

Outro mecanismo de defesa são os pensamentos ou rituais substitutivos, como alternativa para aqueles pensamentos vergonhosos anteriores, por meio do que Freud (1917) chama de deslocamento. O sujeito se sente compelido a realizar ações aparentemente sem sentido, como repetições e ações cerimoniais, que, apesar de inofensivas em si mesmas, não deixam de gerar sofrimento, ao atrapalhar a rotina do sujeito, que passa a sentir que tudo é mais trabalhoso e até penoso (Freud, 1917). Apesar de ter consciência do caráter absurdo de muitos de seus pensamentos e ações ritualísticas, o neurótico obsessivo não consegue evitá-las:

O neurótico obsessivo pode apenas deslocar, trocar, substituir uma ideia tola por outra que de algum modo é mais atenuada, proceder de uma cautela ou proibição a

outra, realizar um cerimonial em lugar de outro. Ele pode deslocar a obsessão, mas não eliminá-la. (Freud, 1917, 2014, p.282)

Nesse sentido, há dois mecanismos de defesa, envolvidos no “pensar obsessivo”, a defesa primária, a nível inconsciente, que consiste na separação entre representação obsessiva e o afeto associado, para evitar que tal representação chegue à consciência. E a defesa secundária, que consiste no deslocamento que ocorre no próprio pensar obsessivo, com rituais, compulsões, dúvidas, ideias obsessivas delirantes, desviando assim a representação original da consciência, por meio de uma desfiguração. Tal desfiguração é análoga à que acontece nos sonhos, e é como se faltassem nos pensamentos obsessivos partes importantes de um quebra-cabeças, evitando assim que a representação obsessiva original chegue à consciência (1909).

Freud (1917) assume, portanto, que não há uma amnésia propriamente dita na neurose obsessiva, como na neurose histérica, mas a separação entre afeto e representação consciente. As ações e pensamentos obsessivos são substitutivos da representação obsessiva inicial, recalçada, e o afeto é deslocado para tais pensamentos e ações. Esse deslocamento possibilita a liberação da energia psíquica oriunda do conteúdo original, sem que o sujeito tenha consciência da relação entre suas ideias e atos obsessivos e a representação original (Freud, 1917b). Se tentam evitar tais atos obsessivos, os sujeitos são tomados por enorme angústia, portanto as ações obsessivas funcionam como um mecanismo de defesa contra a angústia relacionada ao conteúdo recalçado, que desencadeou os sintomas obsessivos (Freud, 1917d). Tal rearranjo não deixa de ser uma formação de compromisso, assim como o sintoma histérico, resultando em um certo equilíbrio entre desejo e censura (Freud, 1909).

Outro sintoma característico da neurose obsessiva, também advindo do deslocamento, é uma dúvida constante, que funciona como um modo de distanciamento da realidade e isolamento (Freud, 1909). O sujeito tende a ficar preso a questões impossíveis de solucionar, e fica paralisado em diferentes campos de sua vida, devido à incapacidade de tomada de decisões. Apesar de tal insegurança causada por uma indecisão crônica, o neurótico obsessivo é originalmente, segundo Freud (1909), um sujeito de caráter vigoroso e obstinado, com capacidade intelectual que pode ser inclusive acima da média. Na maioria dos casos, apresenta um alto comprometimento ético em suas ações, sendo um sujeito conscientizado e correto em seu modo de pensar e agir sobre o mundo ao seu redor (Freud, 1917). Não há dúvidas que tal contradição entre a capacidade intelectual intrínseca do sujeito e a paralisação advinda dos sintomas obsessivos são fontes de grande sofrimento para o sujeito.

Freud (1926) categoriza as formações obsessivas em formações de ordem negativa e em satisfações substitutivas. As interdições, punições, penitências e medidas de precaução ou evitação seriam formações de ordem negativa. Por outro lado, há as ações ritualísticas e repetitivas, que são consideradas satisfações substitutivas, em que ocorre a “camuflagem simbólica”, por meio do deslocamento, como dito anteriormente (Freud, 1926, p.35). Haveria portanto uma ambivalência quanto à natureza dos sintomas obsessivos, quando os sintomas obsessivos aparecem mesclando as duas formas de sintomas, a negativa, que é punitiva, e a satisfatória substitutiva.

Em 1909, em “O homem dos ratos”, Freud associou a dúvida obsessiva com a dualidade entre amor e ódio, advinda do conflito edipiano, onde o sentimento de ternura pelo cuidador dá lugar a um sentimento de ódio devido à proibição edípica, quando se instaura o interdito - a proibição ao incesto, e o medo da castração. Há portanto um embate moral: por um lado há o amor puro que deve ser destinado a ambos os cuidadores, e ao mesmo tempo há uma pulsão de ódio que surge quando o sujeito se vê castrado, impedido de ter acesso total e exclusivo ao amor parental. Tal embate entre ódio e amor aparece no Homem dos Ratos (Freud, 1909), quando Ernst relata a Freud seu amor exacerbado pelo pai, e ao mesmo tempo revela pensamentos obsessivos de que algo terrível pudesse acontecer com o mesmo, que ironicamente já estava morto na época. Tais pensamentos, de natureza agressiva faziam com o homem dos ratos sentisse uma culpa exacerbada e um medo de punição ao ser invadido por tais pensamentos. Amor e agressividade, conclui Freud (1909), seriam complementares e passíveis de confusão, ocasionando por sua vez raiva, indecisão e culpa.

Em 1917, na conferência introdutória “Considerações sobre o desenvolvimento e regressão”, Freud retoma explicitamente essa ambivalência:

Na neurose obsessiva, (...) a regressão da libido ao estágio preliminar da organização sádico-anal é o que chama mais a atenção, e o fato decisivo para o que os sintomas manifestam. O impulso amoroso é obrigado, então, a mascarar-se de impulso sádico. A ideia obsessiva “eu gostaria de te matar” nada mais significa, no fundo, que “eu gostaria de desfrutar do amor em ti” (Freud, 1917c, pp. 370-371)

Haveria na neurose obsessiva, para além da regressão da libdo a um estágio pré-genital, uma internalização da agressividade associada ao desenvolvimento do Supereu, que na neurose obsessiva é particularmente mais severo (Freud, 1926). O supereu é uma instância psíquica herdeira do complexo de Édipo, que surge por meio da primeira identificação com a figura paterna, e por isso também chamado por Freud de ideal de Eu, e que emerge como a instância moral, conservando o caráter do pai, ou da primeira figura de autoridade (Freud, 1923). Segundo Freud, o Supereu exerce seu domínio sobre o Eu tanto de

forma mandatória positiva: “assim como o pai, você deve ser”, quanto de forma proibitiva: “assim como o pai você não pode ser” (Freud, 1923, p. 31). Isso significa que, ao mesmo tempo, o Eu é ordenado a ser moralmente correto como o pai teoricamente o é, embora não possa ter o que o pai tem (acesso à mãe), que nesse caso implicaria o incesto. Esse “não poder ter” seria análogo à própria castração, fonte de angústia advinda da consciência moral - a angústia do interdito. É o medo da castração que impediria o incesto, que obrigaria o Eu à obediência ao Supereu, culminando com a dissolução do complexo de Édipo (Freud, idem).

Dessa forma, o Supereu age como consciência moral sobre o Eu, representando as exigências éticas do ser humano, e ao mesmo tempo adquirindo um caráter severo e agressivo, responsável por um sentimento de culpa inconsciente. Assim como a criança obedecia aos pais, o Eu continua, mesmo no adulto, submetido à obediência ao Supereu, agora a lei do pai internalizada. No seu texto intitulado “Introdução ao Narcisismo”, Freud (1914) diz que a instituição da consciência moral é “uma corporificação inicialmente da crítica dos pais, depois da crítica da sociedade, processo que é repetido quando nasce uma tendência à repressão a partir de uma proibição ou um obstáculo primeiramente externos” (Freud, 1914, p. 29). Para Lacan (1957) a dissolução do Édipo e instituição do Supereu diz respeito à introjeção da Lei, da função simbólica do pai, que está no âmbito do Outro, onde se encontra a linguagem, ou o código.

Em “Mal estar na cultura” Freud (1930) descreve o Supereu como a internalização da autoridade externa, e mais que isso, como a introjeção de uma agressividade social que passa a ser voltada contra o Eu, originando a “consciência moral”. Para Freud (1930) a consciência moral exerce contra o Eu a mesma disposição à agressão “que o Eu teria, com prazer, saciado em outros indivíduos” (Freud, 1930, p.377). O resultado dessa agressividade voltada para o Eu origina a consciência de culpa, que é a tensão entre o Supereu e o Eu, tensão que “se manifesta como necessidade de punição” (Freud, 1930, p. 377). No mesmo texto, Freud segue dizendo que a culpa surge primeiro do medo da autoridade - fator externo, e posteriormente pelo medo do Supereu - introjetado no sujeito. Essa culpa introjetada no âmbito superegóico levaria por sua vez à auto punição, pois mesmo que não haja um ato proibido propriamente dito, há o desejo, impossível de ser escondido do Supereu. Christian Dunker (2015), em seu livro “Mal estar, sofrimento e sintoma”, faz um comentário interessante dizendo da ambiguidade dessa consciência de culpa:

Surge aqui uma economia intrincada entre a ameaça, que é ela mesma um sentimento, e a angústia social de perda do amor e da proteção, que seria outro polo do sentimento de culpa. Esse arco ou gradiente que vai de um polo a outro explica, de certa maneira, a confusão fenomenológica ou a burrice superegóica que confunde

pensamentos, atos e palavras, que não consegue interromper a série que vai da observação ao julgamento e deste à punição. (Dunker, 2015, p. 208)

Nesse ponto, faz-se necessário deixar explícita uma das principais teses do “Mal estar na cultura”, de que a cultura é edificada sobre a renúncia pulsional, renúncia que possibilitaria a vida em sociedade (Dunker, 2015). A primeira renúncia seria a da proibição do incesto, ou a de não poder ser o objeto exclusivo de desejo da mãe (Lacan, 1957), que ocorre quando há a introjeção da lei, com a fundação do Supereu. A instância superegóica, portanto, surge como aquela que afirma a castração, que introjeta a agressividade garantindo que tal agressividade não se volte contra o mundo externo, e isso possibilita a convivência social. Ao mesmo tempo que regula a interação social, tal renúncia é fonte de angústia, que por sua vez está relacionada ao mal-estar que Freud (1930) apresenta na obra “Mal estar na cultura”. Segundo Dunker (2015):

a angústia que se repete, que se remói, a angústia cuja causa, razão ou motivo não se discerne muito bem, pode ser então predicado como mal-estar. Registremos que a noção de mal-estar é apresentada como uma dificuldade de nomeação – é quando não se percebe a culpa que a experimentamos como mal-estar. (Dunker, 2015, p. 210).

Na neurose obsessiva, segundo Freud (1926), há uma defesa mais exacerbada contra o complexo de Édipo, emergindo um Supereu particularmente rigoroso e impiedoso, sendo o medo da castração o fator principal para desencadear essa defesa. Por ser mais impiedoso, a consciência de culpa e punição é mais intensa no obsessivo, fazendo com que o sujeito seja altamente controlador e punitivo consigo mesmo. Freud (1909), em “O homem dos ratos”, fala de uma dívida simbólica, que é ilustrada pela impossibilidade que Ernst tem de pagar uma suposta pequena dívida a um companheiro de exército.

A verdadeira dívida impagável, na realidade, é em relação à figura paterna, devido ao conflito edípico. Apesar do sentimento de culpa estar no âmbito da consciência, o conteúdo que origina tal sentimento de culpa é totalmente recalcado. O Eu então desenvolve o que Freud (1926) chama de formações reativas, para afastar da consciência qualquer propensão ao ato agressivo voltado para um objeto externo. Formações que podem aparecer na forma de uma consciência moral exagerada, uma tendência exacerbada à ordem e limpeza, bem como uma tendência a proibições e renúncias de diferentes ordens (Freud, 1909, 1926).

Freud (1926) conclui, portanto, que a renúncia pulsional não é suficiente para a evitação do sentimento de culpa, pois o desejo permanece e não pode ser escondido do Supereu, que é parte do sujeito. A culpa obsessiva é, nesse sentido, uma tentativa de negação do desejo. O desejo, por sua vez, sempre implica em uma falta. Segundo Lacan

(1957), desejo é sempre desejo de Outra coisa, ou seja daquilo que falta. Isso quer dizer que a satisfação do desejo pela obtenção do objeto supostamente desejado faria com que o desejo desaparecesse (Fink, 1999). Tanto na histeria quanto na obsessão, há a evitação da realização do desejo, porém, o obsessivo vai além, sempre desejando algo inatingível ou impossível de ser realizado, ou até mesmo negando o próprio desejo. Ao fazer isso, o Eu se protege da própria castração. O sujeito obsessivo faz de tudo para evitar a aproximação de uma realização, que poderia implicar em frustração, o que implicaria se deparar com a falta estruturante de todo ser humano. A intensa severidade do Supereu e as formações reativas estão relacionados à essa defesa em relação ao desejo, daí o sentimento de culpa sempre presente: enquanto existir desejo, existirá a também a culpa.

Todo desejo tem origem, segundo Lacan (1957) no Outro¹. É o desejo parental, na primeira infância, que introduz o desejo para o Eu, e é nesse sentido que o desejo é sempre desejo do Outro (Fink, 1999). A criança atende àquilo que os pais querem para receber atenção e amor, que a princípio surge em forma de aprovação. Mesmo que não seja explicitamente colocado, a criança aprende que certos comportamentos são aprovados e outros não, e assim o desejo parental inaugura o desejo para o sujeito. O sujeito aprende a desejar a partir do desejo do Outro, ou seja, aquilo que ele deseja, ele viu antes ser desejado por outros e isso passa a ser introjetado como sendo seu próprio desejo (Fink, 1999).

Essa alienação do desejo ao desejo do Outro causaria, por sua vez, uma dependência do sujeito ao Outro (Faria, 2025). Há, na neurose obsessiva, uma tendência à responsabilização do outro - aqui com o minúsculo por se tratar de outro sujeito, pelas próprias frustrações, além de um sentimento de impotência e um assujeitamento ao Outro que contribuem para a impossibilidade de realização do desejo. Não por acaso, a grande esquivia estrutural do sujeito obsessivo se revela diante da seguinte pergunta: "O que você deseja?" (Faria, 2025).

Dessa forma, o obsessivo vive em constante tensão, tentando tanto decifrar o desejo do Outro quanto proteger-se do engolfamento por esse Outro. Lacan (1957) diz que desejo é sempre desejo do desejo do Outro, que é o lugar da linguagem. Para Lacan (1957), "há uma dependência do Outro para a obtenção do acesso a esse desejo", e na obsessão, ao mesmo

¹ Lacan (1957), no Seminário cinco, diz que o Outro, designado pela letra A é "sede da fala e garantia da verdade", é o lugar da linguagem e do código. Lacan diferencia o grande Outro, como simbólico, do pequeno outro, imaginário, que segundo o autor é "outro dual, que é aquele diante de quem o sujeito se encontra como sendo sua própria imagem". (Lacan, 1957, pp. 14-15)

tempo, há uma negação da alteridade, ou destruição do Outro para evitar ser absorvido, ou engolfado por esse outro. Em suas palavras:

Quando digo que o obsessivo faz seu desejo passar à frente de tudo, isso significa que ele vai buscá-lo num além, visando-o como tal em sua constituição de desejo, isto é, na medida em que como tal ele destrói o Outro. Nisso reside o segredo da profunda contradição que há entre o obsessivo e seu desejo (Lacan, 1957, 1958).

Essa contradição implica uma dificuldade em sustentar o próprio desejo, já que tal desejo tanto o aproxima do desejo do Outro - e nesse sentido há o medo do engolfamento, quanto o aproxima da destruição desse Outro, que é a fonte de seu próprio desejo. Dessa forma, o obsessivo se encontra entre a proibição e a dependência da autorização do Outro para a realização do próprio desejo. No contexto da contemporaneidade abordado aqui, essa busca por autorização e dependência do Outro contribui para a manutenção do sofrimento psíquico relacionado à perda da experiência discutida anteriormente. O sujeito se sente compelido a obedecer aquilo que é ditado pela sociedade no que diz respeito ao que desejar e como desejar, sem tempo suficiente para elaborar sobre seu próprio desejo, que passa a ser reduzido a desejo de consumo.

O desejo obsessivo é, portanto, um desejo impossível. Lacan (1957) diz que o neurótico obsessivo “deseja não desejar”, pois querer implica expor-se à castração, e correr o risco de perceber a falta no Outro. Em vez disso, como defesa, ele sustenta o desejo como irrealizável, mantendo-o em estado de suspensão (Lacan, 1957). Essa estratégia se manifesta clinicamente na dúvida interminável, nos rituais e na ruminação mental. O obsessivo faz de tudo para não ter que escolher, pois ao não escolher ele não assume o próprio desejo (Lacan, 1957). Sobre a impossibilidade do desejo, Fink (2020) diz:

O desejo é impossível na obsessão porque, quanto mais o obsessivo se aproxima de reconhecer seu desejo (de fazer sexo com alguém, digamos), mais o Outro começa a ter precedência sobre ele, eclipsando-o como sujeito. A presença do Outro ameaça o obsessivo com o que Lacan chama de “afânise” seu esvanecimento ou desaparecimento como sujeito (Fink, 2020, p.127)

No Seminário 5, Lacan (1957) postula que a relação do sujeito com o desejo pode partir de duas posições diferentes, de “ter o falo” ou “ser o falo”, sendo que o falo não é o órgão sexual masculino, mas o significante² do desejo. Na histeria, a posição do sujeito é a de

² Segundo o dicionário de psicanálise, de Roudinesco e Plon (1998), significante é um “termo introduzido por Ferdinand de Saussure (1857-1913), no quadro de sua teoria estrutural da língua, para designar a parte do signo lingüístico que remete à representação psíquica do som (ou imagem acústica), em oposição à outra parte, ou significado, que remete ao conceito. Retomado por Jacques Lacan como um conceito central em seu sistema de pensamento, o significante transformou-se, em psicanálise, no elemento significativo do discurso (consciente ou inconsciente) que determina os atos, as palavras e o destino do sujeito*, à sua revelia e à maneira de uma nomeação simbólica” (Roudinesco e Plon, 1998, p. 708).

ser o falo para o Outro, denunciando-lhe a falta. Já na obsessão, o sujeito busca ocupar a posição ilusória de suplente do falo no Outro na tentativa de negar a falta (Mello, 2025). Se trata, em resumo, de uma posição defensiva para tamponar a castração. Tal estratégia de defesa será retomada no capítulo 2.

1.2. Breve retorno ao cenário contemporâneo

Na neurose obsessiva, há uma busca incessante por uma posição ilusória de posse do falo imaginário, que frequentemente se manifesta como uma demanda por reconhecimento (Jerusalinsky, 1999). Nesse sentido, a sociedade capitalista retroalimenta essa dinâmica ao traduzir tal busca em ideais de sucesso fundamentados na produtividade, na performatividade e na meritocracia. Na sociedade capitalista

a força do neoliberalismo é performativa. Ela não atua meramente como coerção comportamental, ao modo de uma disciplina que regula ideais, identificações e visões de mundo. Ela molda nossos desejos, e, nesse sentido, a performatividade neoliberal tem igualmente efeitos ontológicos na determinação e produção do sofrimento. (Safatle, Silva Junior e Dunker, 2020, p. 9).

Segundo Kehl (2009), o sujeito contemporâneo é marcado por uma obrigação de ter um bom desempenho, de se auto superar constantemente. Isso gera um cenário de competição exaustiva, onde a falta de bom desempenho é vista como fracasso individual (Kehl, 2009). Esse tipo de organização social parece favorecer a posição obsessiva, onde o sujeito busca aprovação do Outro e se sente compelido a uma busca incessante por um suposto poder que resolveria toda a questão do seu desejo. Maria Rita Kehl (2009), argumenta que o discurso capitalista intensifica a negação da castração própria do obsessivo: a aceleração social, a sujeição ao tempo do Outro e o imperativo de desempenho encurralam o sujeito, o levando a um consumo desenfreado e a uma busca por produtividade cada vez mais adoecedora, como forma de evitação da falta que o constitui. Pode-se concluir que

Segundo a autora, tal imperativo está associado a um dever de ser feliz, de evitar qualquer dor ou sofrimento. Tal negação da dor não diminui de forma alguma o sofrimento existente, muito pelo contrário, faz com que aumente o sentimento de desamparo, que segundo Fortes (2009) é uma marca da contemporaneidade. O sujeito contemporâneo está envolvido por uma cultura hedonista que dita a felicidade por meio do consumo desenfreado. Nesse sentido a felicidade passa a ser sinônimo de possuir objetos, o que esvazia inclusive a

esfera das relações, pois o outro passa também a ser visto como simples objeto a ser possuído, o que reforça o individualismo e o apagamento da alteridade (Fortes, 2009).

Maria Rita Kehl (2009) reforça a mesma concepção ao dizer que o Outro exige do sujeito que ele goze, muito e sempre. Tal exigência, segundo a autora, contribui para que a culpa neurótica seja ainda mais intensificada.

O sujeito culpado não leva em conta, porque não sabe disso, a impossibilidade de responder ao gozo ao qual é convidado ou, do ponto de vista do supereu, lhe é exigido. O sentimento de insuficiência, o medo de perder o amor dessa instância que representa, no psiquismo, a esperança de recuperar a fatia de narcisismo e a porção de gozo perdidas torna os neuróticos candidatos à depressão (Kehl, 2009, p. 95).

Segundo Dunker (2020), na obra “Neoliberalismo como gestão liberal do sofrimento psíquico”, a configuração social neoliberal contribui para um modelo de gestão do sofrimento psíquico, onde o sujeito é convocado a atuar como empreendedor de si mesmo, e sua exaustão e engajamento na própria exploração são consideradas como qualidades. Em “Mal-estar, sofrimento e sintoma”, Dunker (2015) já apontava uma certa “gramática do sacrifício” (Dunker, 2015, p. 91), onde o sujeito se submete a privações, a um masoquismo moral e a uma eterna gratidão em prol de reconhecimento. Segundo o autor, é como se a dívida simbólica, se tornasse impagável, sendo que a manutenção de tal dívida fosse o próprio reconhecimento do sujeito que batalha.

A dívida simbólica e a culpa do obsessivo, que originam-se do impasse entre o desejo e a autoridade paterna, passam a ser validadas e até desejáveis no contexto da configuração social atual, pois se tornam combustível para que o sujeito produza cada vez mais. Dessa forma, a própria estrutura social contribui para um modo de funcionamento obsessivo, que segundo Castro (2022), pode ser considerado como um produto da “roda giratória do capitalismo” (Castro, 2022, p. 70). O próprio sistema capitalista, segundo a autora, alimenta a culpa do sujeito, sendo este invadido por incertezas, procrastinação, ressentimentos e um sentimento de impotência nesse cenário adoecedor onde o valor é medido em termos de performatividade.

Em meio à ditadura da performatividade e do consumo, sintomas obsessivos relacionados a uma dúvida e culpa estruturais, são intensificados. Por mais que o sujeito se empenhe em performar, ele nunca poderá quitar sua dívida simbólica, e a tentativa do Eu de negar o desejo se submetendo às regras performativas do Outro capitalista não diminui, mas intensifica ainda mais o sofrimento psíquico.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A NEUROSE OBSESSIVA EM MULHERES

Que o sujeito da psicanálise é sempre ser de linguagem, isto é, de cultura, inscrito sob as coordenadas de um certo período histórico, de uma certa sociedade, de uma certa disposição simbólica - há novidade nisto? (Kehl, 2007, p. 253 - 254)

Na citação acima, do livro “Deslocamentos do feminino”, Maria Rita Kehl (2007) deixa explícita a tese de que o sofrimento neurótico é indissociável das condições sociais e históricas, afinal o ser humano é um ser social, e a subjetividade também é construída socialmente. Nenhum sujeito pode ser separado de seu tempo, e apesar de haver estruturas clínicas mais permanentes - a neurose, a psicose e a perversão -, os modos como o sujeito se constitui psiquicamente, dependem das condições histórico-culturais (Kehl, 2009).

No primeiro capítulo, foi explorada a relação entre o sofrimento do tipo obsessivo e a organização social vigente na atualidade. Foi hipotetizado que a forma como o sujeito obsessivo lida, ou melhor, evita lidar com seu desejo, que segundo a tese lacaniana, é sempre desejo do Outro, é influenciada ou retroalimentada pelo modo de produção capitalista. O termo sujeito obsessivo, apesar de utilizado no gênero masculino, é aqui o sujeito do inconsciente, independentemente de sua designação sexual ou de sua identidade de gênero.

Houve por muito tempo, na clínica psicanalítica, uma tradição de binarizar a histeria e a obsessão, sendo essa última associada a homens, e a primeira a mulheres, inclusive devido à própria maneira como se deu a origem da Psicanálise, quando Freud passou a escutar as mulheres histéricas. Apesar de postular que nenhum sujeito nasce homem ou mulher, e que tal diferenciação dependeria da passagem pelo complexo de Édipo, ele mesmo, em diversos momentos do desenvolvimento da teoria psicanalítica, acaba tratando a sexualidade de forma binária e cientificista (Kehl, 2007).

No entanto, Freud não limitou a histeria como exclusivamente feminina e a obsessão como exclusivamente masculina, relatando ao longo de sua obra casos de mulheres apresentando sintomas obsessivos. Lacan foi além, ao esclarecer que as estruturas clínicas são independentes da anatomia sexual, postulando que tais estruturas seriam modos de discurso, ou formas do sujeito se posicionar na linguagem, ou frente ao Outro, ou ainda diante do desejo do Outro (Fink, 2020). Michele Roman Faria (2025) reitera que o fato de haver homens histéricos e mulheres obsessivas seria a prova de que o falo, que se tornou conceito central na teoria psicanalítica não deve jamais ser reduzido ao campo do imaginário, ao órgão sexual, afinal a castração, e a falta, independe do sexo ou gênero, embora a significação simbólica do falo vincule-se ao tempo histórico.

A passagem pelo Édipo, além de produzir uma certa identificação de gênero, também produz, segundo Kehl (2007), a singularidade do desejo, fruto das particularidades discursivas do meio em que cada sujeito está inserido - o que ele representa para os pais, o que é herdado de gerações anteriores, e todas as intercorrências desde o nascimento. Tal singularidade também diz respeito às respostas que se produz “na tentativa de barrar o gozo do Outro, deslocando-nos minimamente, ao longo da vida, de uma posição originária de objetos (no desejo do Outro) para a de sujeitos desejantes” (Kehl, 2007, p. 10).

O falo, como representante simbólico da falta no Outro, como já discutido no capítulo anterior, também carrega a função da diferença, no campo imaginário. A lógica falocêntrica que atravessa a sociedade ocidental, possui uma origem na diferença sexual, orientando a cultura onde o masculino é a regra, e o feminino a exceção. Bourdieu (1998) aborda esse tema no livro “A dominação masculina”, abordando a relação construída socialmente, entre o falo - e aqui falo diz mesmo do órgão sexual masculino -, e a noção de virilidade e de completude, que orienta a construção do feminino como faltante. Apesar da psicanálise, especialmente a partir de Lacan, tentar dissociar o falo do pênis, a associação entre os dois termos ainda persiste (Vigil, 2022). O falo, portanto, em sua função imaginária, ainda hoje está associado à imagem da completude.

Segundo Vigil (2022), a lógica capitalista do “ter para ser” se sustenta nessa lógica falocêntrica. E se “ter o falo” está relacionado à ilusão de completude, então a mulher estaria no lugar da incompletude (Vigil, 2022). O que se entende por “A mulher” é, portanto, uma construção social que teve como alicerce a diferença anatômica entre os sexos, com a centralidade desse falo imaginário orientando as relações sociais.

Rivera (2019) postula, que ao mesmo tempo que a lógica falocêntrica coloca a mulher como o lugar da falta, por outro lado, ela também é responsável por inscrever a mulher no lugar do fetiche, de objeto substituto para esse falo imaginário que ninguém possui.

Essa face imaginária do falo, portanto, estaria relacionada à própria constituição da sociedade dita patriarcal, devido à uma associação da imagem fálica com o ter e o poder. No entanto, Lacan (1957, p. 386) introduz a perspectiva de que “o falo não é uma fantasia, nem uma imagem, nem um objeto, mesmo que parcial, mesmo que interno, mas é um significante. (...) Ele é o significante do desejo”. Nesse sentido, o falo deveria ser desvinculado da função sexual. Todo sujeito, independentemente de sua identidade de gênero, tem seu psiquismo constituído na falta. Todo sujeito é faltante e é a falta que possibilita o desejo.

A completude por meio do falo enquanto possibilidade de realização do desejo não passa, portanto, de uma ilusão. Ilusão que ainda se mantém presente, pois ela é o cerne da lógica do capital. Com a chegada da modernidade, houveram mudanças sociais intrinsecamente relacionadas ao modelo capitalista de sociedade. A intensificação dos imperativos de desempenho e produtividade passaram a reger diversas esferas da vida, não apenas a esfera do trabalho (Kehl, 2009). Segundo Colette Soler (2011), a lógica de exploração capitalista, onde o homem explora outro homem para lucro próprio, deixou de ser motivo de envergonhamento e passou a ser idealizada pela sociedade como um todo. A autora se utiliza do conceito de discurso capitalista que Lacan desenvolveu na década de 1970, para reiterar que na atualidade impera um individualismo forçado em consequência de um discurso que não faz, mas sim desfaz laços sociais, ao contrário de qualquer outro discurso. Isso ocorre justamente por causa da relação central entre sujeito e objetos-produtos fetichizados pelo sistema capitalista (Santos, 2009). Tais objetos entram na equação do desejo como substitutos do objeto denominado causa do desejo, dando a ilusão de completude (Santos, 2009). De forma resumida, o discurso capitalista produz uma certa forclusão da castração ao prometer uma completude por meio do consumo. Objetos de consumo passam a ocupar o lugar do falo imaginário, portanto.

A promessa ilusória de completude é responsável por outra ilusão: a ilusão da equiparidade entre os sujeitos contemporâneos. Essa ilusão sustentada pela máxima da meritocracia. Nesse sentido, é como se o discurso capitalista tentasse convencer os sujeitos de que qualquer um pode ter o falo, enquanto objeto totalizante. Independentemente de classe social, cor ou gênero, o sujeito é levado a acreditar que, por meio do trabalho árduo, pode conquistar o topo da pirâmide econômica, o que obviamente reforça a culpabilização do sujeito pela sua própria miséria ou fracasso.

É nesse cenário austero, de competitividade, individualismo e redução das relações humanas, substituição pelas relações entre sujeitos e objetos de consumo que se encontra a mulher contemporânea. Mulheres não são mais compreendidas como devendo estar restritas ao ambiente doméstico, passando cada vez mais a ocupar o espaço público (Kehl, 2008). Apesar dos ganhos que isso representa, a lógica mercadológica de desempenho e produtividade passa a incidir cada vez mais sobre a vida psíquica feminina. Um dos desdobramentos dessa mudança de posição social, seria uma espécie de trânsito do discurso histórico para o discurso obsessivo (Costa, 1999). Costa (1999) se utiliza da ideia de que há um bilinguismo na constituição psíquica, o que possibilitaria esse trânsito entre a organização

histórica e a obsessiva. A autora argumenta que se, historicamente, a cultura relegava a mulher à um lugar de espera e passividade frente ao falo, reduzindo sua significação ao dom da maternidade, a promessa meritocrática do "ter para ser" a convoca violentamente à atividade.

Na época em que Freud desenvolveu a Psicanálise, entre o fim do século XIX até meados do século XX, na sociedade ocidental burguesa, ainda eram os homens, via de regra, que culturalmente eram reconhecidos como aqueles que proviriam financeiramente as esposas e seriam responsáveis pela manutenção dos ditames culturais (Freud, 1930), e às mulheres, culturalmente restava a determinação de serem prendadas o suficiente para conseguirem um casamento e a maternidade. A função feminina, ao menos na sociedade ocidental burguesa, estava bastante restrita ao privado, ao cuidado, à família. Essa redução do feminino a determinadas características que seriam universais, era associada à diferença biológica dos sexos. Tais características, apesar de inferidas e generalizadas, eram censuradas pela mesma cultura vigente que as determinavam como possuindo características universais. Passividade, ciúmes e dependência eram vistas como típicas de todas as mulheres, o que demonstra uma visão reducionista do feminino, reproduzindo uma visão subestimada do feminino pela sociedade.

Em “Mal estar na cultura”, Freud (1930, p. 354) afirma que “as mulheres representavam os interesses da família e da vida sexual”, sendo o trabalho e a cultura designados ao homem. Segundo o autor, as mulheres eram colocadas em segundo plano na cultura, e por isso entrariam em conflito com a mesma. Pode-se dizer que a mulher ocupava portanto uma posição passiva, de objeto, afinal não era ela que possuía bens materiais, e sim o marido, sendo ela inclusive mais um bem adquirido com o casamento.

Apesar das contradições e da problemática aqui citadas, Freud eleva a sexualidade à categoria de conceito e a vincula à constituição da vida psíquica, colocando em causa a restrição da sexualidade à ordem biologicista da reprodução tão comum em sua época (Carneiro e Lazzarini, 2016). Além disso, Freud ao ouvir o que as suas pacientes tinham a dizer, rompeu com a invisibilidade da sexualidade feminina, reconhecendo a libido como algo a serviço tanto da sexualidade masculina quanto da feminina (Tavares, 2018). A escuta das mulheres de sua época revelaram um sofrimento advindo de um silêncio compulsório ao qual tais mulheres vinham sendo submetidas a séculos na cultura ocidental, devido à restrição da mulher a seu papel exclusivamente privado, como mães e esposas. O próprio Freud confessou não ter esvaziado ou solucionado o enigma do feminino ao perguntar “Afinal o que

quer uma mulher?”, já na década de 1930 (Tavares, 2018), demonstrando a impossibilidade de generalizar ou conceituar o feminino como algo universal e imutável. Para além disso, Freud foi além, incentivando a entrada de mulheres nas faculdades de medicina e na psicanálise, o que sugere um pensamento progressista de sua parte, apesar das limitações sociais de sua época.

Maria Rita Kehl (2008) cita que a cultura europeia dos séculos XVIII e XIX promoveu o discurso que reduzia as mulheres ao conceito de feminilidade, que não passava de um conjunto de atributos e restrições que uma mulher deveria ter para servir aos interesses da sociedade patriarcal. Segundo a autora, no século XIX, no final do qual Freud começou a desenvolver a teoria psicanalítica, a anatomia da mulher estava relacionada a uma “natureza feminina”, que precisava ser educada para cumprir o destino que lhe era imposto socialmente, que era ser mãe e esposa. Tal visão, segundo a autora, é reducionista, pois implica na universalidade da feminilidade, que seria atributo de todas as mulheres, simplesmente pela diferença anatômica entre os sexos. A concepção do feminino, e as restrições impostas a todas as mulheres, eram justificadas por uma suposta natureza feminina (Kehl, 2008), como se o imposto socialmente fosse biológico e não cultural.

A redução do gênero ao sexo biológico, que contribui para uma visão reducionista e rígida do que é ser homem e ser mulher contribuiu para ao aprisionamento das mulheres a uma função materna, que por sua vez está associado a uma perda de sua sexualidade e à uma restrição da vida social (Roudinesco, 2003). Roudinesco (2003) pontua que essa divisão biológica entre os sexos foi utilizada como pretexto para a instituição de três tipos de representação da feminilidade: a mulher como complementar ao homem, definida pela maternidade, a mulher como inferiorizada quando tentava romper com a função da esposa e mãe, sendo assim vista como prostituta ou anômala, e a mulher como idealizada, a virgem e pura, como um objeto místico. Segundo a autora, em todas essas representações, a mulher sobre um excesso de regulação, encontra-se limitada à maternidade e ao matrimônio e excluída da sociedade ou elevada à condição de um objeto divino e místico desprovido de desejos.

Apesar de já no século XIX iniciarem os primeiros movimentos feministas mais conhecidos, segundo Tavares (2018), tais movimentos sofreram retaliações, como proibições de atividades políticas, a exemplo da Áustria, que em 1867 instituiu uma lei com o objetivo de enfraquecer o movimento feminista. Nesse cenário de austeridade, onde aparecia uma resistência feminina mas ao mesmo tempo uma contra resistência pela tentativa de

perpetuação do patriarcado, que a psicanálise emerge, escancarando a hipocrisia sexual oitocentista, ao demonstrar que mulheres também eram desejantes (Tavares, 2018). O que emergia na análise das pacientes de Freud, por meio da associação livre, e que permitia com que elas falassem mais livremente, era justamente o desejo inconsciente, por tanto tempo recalcado, proibido de ser expressado. Tal escuta proporcionou um tipo de quebra de paradigma sobre o sofrimento histérico, até então silenciado pela medicina vigente (Tavares, 2018).

Apesar de seu caráter progressista e liberal quanto à sexualidade feminina, Freud constrói a teoria da sexualidade infantil baseando-se em ideias falocêntricas, como a centralidade do órgão sexual masculino na dissolução do complexo de Édipo. Além de negar o órgão sexual da menina, como se a vagina fosse a ausência do pênis, ele reduziu o feminino a características como passividade e dependência, que julgava universais, como resultado da diferença biológica dos sexos, e não como construções sociais.

Mesmo seguindo um viés ainda reducionista, não se pode negar que Freud reconhecia a influência cultural nos papéis sociais da mulher. Suas escutas evidenciaram que a histeria era influenciada tanto por fatores intrapsíquicos quanto extrapsíquicos, se situando “entre o subjetivo e o social” (Tavares, 2018, p.16). Porém, segundo Kehl (2008), Freud não conseguiu compreender completamente a questão da libido, que ele julgava como cristalizada nas mulheres não mais consideradas jovens na época, especialmente as casadas e que estavam chegando na fase da menopausa. Kehl (2008) postula que o que se encerrava nas mulheres da época de Freud não era a libido, mas as possibilidades de novos endereçamentos para a libido após anos de uma vida restrita ao matrimônio e à maternidade. Se a mulher é reduzida à função de produzir filhos, ela se produz apenas como mãe, e como histérica (Kehl, 2018), com seus desejos recalcados emergindo em sintomas físicos, já que não havia outro endereçamento possível devido às restrições sociais. Essa suposta cristalização diz respeito, portanto, à realidade imposta às mulheres que eram desejantes, mas ao mesmo tempo proibidas de desejar, e portanto impossibilitadas de traçar novos destinos para a própria libido.

Após a época de Freud, diversas mudanças sociais ocorreram e as mulheres conquistaram um espaço na vida pública cada vez maior. A revolução sexual dos anos 1960, por exemplo, com o advento da pílula anticoncepcional, impulsionou a busca, das mulheres, pelo prazer desvinculado da reprodução, o que lhes proporcionou uma maior liberdade sexual. Dessa forma, não se pode negar que as mudanças sociais mudaram a relação das

mulheres com a sexualidade e que isso deve trazer novos pontos de vista em relação ao que se considera feminino no âmbito da cultura. Maria Rita Kehl (2008) afirma que a modificação da concepção e compreensão de gênero estão submetidas à história e, portanto, nem o masculino nem o feminino são concepções rígidas e imutáveis, estando vinculadas à práxis cultural em um tempo específico. A cultura vigente pode ser considerada uma face do Outro, instituindo e sendo instituída socialmente pelas ideias e concepções sobre algo, no âmbito da linguagem, como por exemplo, acerca do que é ser mulher.

A mulher e o homem são nesse sentido concepções construídas social e culturalmente em determinado tempo histórico. Apesar dessa dimensão histórica e cultural estarem relacionadas a uma certa visão universalista, há de lembrar que não há universalidade quando se pensa em gênero. Maria Rita Kehl (2008) relembra que não há o homem ou a mulher, mas este homem e esta mulher, para corroborar essa não universalidade. Pensando no feminino, já diria Simone de Beauvoir (1949) no seu icônico livro “O segundo sexo”, “não se nasce mulher, torna-se mulher”, demonstrando assim a não universalidade daquilo que é considerado feminino. A feminilidade, como construção social (Kehl, 2008), não pode ser vista como universal para todas as mulheres de determinada cultura em determinado tempo.

Maria Rita Kehl (2002), no texto “Sexualidade recontextualizada”, retorna a Lacan, para reforçar que a concepção do falo enquanto significante da falta, possibilitou uma certa equiparação dos sujeitos, em relação à castração, Nas palavras de Kehl:

o sujeito, impossibilitado de se instalar confortavelmente no (pleno) ser, vive na dialética entre a falta e a presença, entre o ser imaginário e o contínuo vir-a-ser da linguagem, entre o falo e a castração. É porque uma mulher é faltante, que ela é sujeito (do desejo), assim como um homem. (KEHL, 2022, p. 14)

Kehl (2002) pressupõe que as mulheres, a partir do século XX, se apropriaram do “falo da fala”, o falo simbólico, a partir do momento que começaram a falar e a construir um protagonismo, passando a ocupar o lugar de sujeito na construção das próprias narrativas. Por outro lado, elas passam a ser submetidas à mesma lógica fálica do sistema capitalista, o que pode acarretar uma rigidez discursiva própria da neurose obsessiva. Isso porque, hipotetiza a autora, por se submeterem à exigências da performance podem recair em um tipo de masoquismo moral, pela via da culpa e autopunição, sacrificando mais uma vez a posição de sujeito desejante, em prol de um ideal de eu irrealizável.

Ívia Alves (2002) retrata como as representações culturais, por meio das artes, literatura e da indústria cultural, atuaram para moldar o ideal feminino, por meio da captura subjetiva das próprias mulheres. A autora cita a imagem da mulher virgem e pura em

contraposição à figura da “mulher-demônio”, a transgressora dos valores morais, a mulher livre, muitas vezes associada à figura da prostituta. Mesmo essa última acaba se transformando em uma imagem fetichizada, que por sua vez é reduzida a um ideal de beleza que se transforma em mercadoria (Alves, 2002). A mulher poderosa e livre, completa Alves (2002), acaba sendo reduzida a uma figura erótica esvaziada de sentido, apenas mais uma imagem a ser alcançada, mais um ideal imposto socialmente pela cultura falocêntrica, que reduz o desejo à demanda. Mais uma vez aqui entra em jogo a negação do desejo característica do discurso obsessivo como defesa, no sentido de que as mulheres, ao serem capturadas por esse ideal, mais uma vez entram num ciclo de obediência a um sistema que parece libertá-las, mas continua as aprisionando, mudando apenas o discurso.

Segundo Carneiro e Lazzarini (2016), o acúmulo de papéis sociais para as mulheres, apesar de ser fruto de conquistas de novos direitos e espaços na sociedade, pode contribuir para um aumento da sensação de dívida devido às altas cobranças, o que estaria relacionado à culpa obsessiva. A presença de sintomas obsessivos em mulheres na atualidade, nesse sentido, pode ser entendida como um tipo de sofrimento que surge em consequência de uma longa história de desvalorização do feminino associado a novas exigências contemporâneas decorrentes da reorganização dos papéis sociais das mulheres. Segundo Roudinesco (2003), cada vez mais mulheres apresentam um sofrimento associado à auto exigência, culpa, medo do fracasso e necessidades de controle, justamente por essa sobreposição entre o histórico de preconceitos e restrições, que ainda hoje são vigentes, e as novas demandas sociais a que estão submetidas na sociedade capitalista contemporânea. Carneiro e Lazzarini (2016) explica que as altas demandas em diferentes esferas da vida, tanto pessoal quanto profissional, geram uma cobrança nas mulheres ainda maior que nos homens, justamente devido ao acúmulo de papéis. Com essa modificação que envolve a possibilidade de se constituir subjetivamente a partir de outros parâmetros que não a maternidade, desponta-se também a incumbência que antes eram historicamente reservadas aos homens, de ocupar tanto o lugar de desejante, quanto o lugar do interdito, ou da lei. À época de Freud, o destino estabelecido para as mulheres era o matrimônio e a maternidade, pouco importando seus verdadeiros anseios. A posição de desejante, portanto, ficava restrita aos homens, o que não significa que as mulheres eram desprovidas de desejos, mas que estes eram calados pela cultura. Pode-se imaginar que o recalque nas mulheres era mais intenso, e a análise das históricas confirmavam que os desejos estavam no inconsciente, mas impedidos de

aparecerem no âmbito da consciência. A concepção de passividade, portanto, era muito mais social do que intrínseca das mulheres, era algo imposto durante suas vidas, desde a infância.

Os sintomas obsessivos, segundo Medeiros (1999), surgiram a partir da falha em sustentar uma posição ativa na sexualidade, podendo resultar em uma sexualidade ritualística e/ou compulsiva. A posição ativa diz da própria característica da pulsão, que visa por meio de ação sobre um objeto, a descarga da energia sexual (Freud, 1915), numa posição desejante portanto. Já a posição passiva, diz de uma passagem de sujeito desejante para sujeito objeto de desejo de outro. Nesse sentido, segundo Freud (1915), a pulsão não é passiva, mas sua meta de satisfação pode ser. Como dito antes, essa passividade tem muito mais raízes sociais do que intrínsecas, afinal o bebê já nasce inserido em uma cultura e sua construção como sujeito se dá nessa cultura. Dessa forma, as mulheres eram ensinadas desde pequenas, a serem mais passivas e menos desejantes, o que de forma alguma significa que eram desprovidas de desejos e anseios para além da vida doméstica.

Para além do acúmulo das demandas sociais, da maternidade e do sucesso profissional, as mulheres ainda sofrem com uma cobrança estética, sendo compelidas a uma busca pela juventude eterna. Autoras como Roudinesco (2003) e Kehl (2008) abordam o tema, ressaltando que tais ideais de beleza, que são uma forma de controle dos corpos femininos, são fontes de considerável sofrimento psíquico, envolvendo culpa e sentimento de inadequação pela impossibilidade de atingir os padrões estéticos sempre exigentes e cada vez mais inatingíveis.

A rigidez discursiva da neurose obsessiva tem ação na própria identidade corporal. Assim a confirmação da imperfeição no corpo-imagem teria uma dimensão considerável para o neurótico obsessivo. Nesse sentido, a sensação de fracasso para a mulher não estaria mais vinculada à perda da função genital reduzida à maternidade por Freud, mas à dificuldade da mulher nessas novas configurações sociais e culturais definir sua significação ou identidade através da relação sexual, que não visa mais necessariamente como fim a procriação.

Inserida na esteira da alta produtividade, a mulher passa a ser cobrada a forjar, por si mesma, o seu próprio "nome", ou seja, seu próprio sucesso (Costa, 1999). Esse cenário seria propício para uma obsessionalização do discurso, segundo a autora. Essa obsessionalização do discurso (Costa, 1999) articula-se intimamente com a lógica do discurso capitalista, que promove um severo esvaziamento do laço social (Badin e Martinho, 2017). Ao substituir o enigma e a alteridade do Outro por uma relação direta com o objeto de consumo, e com o

imperativo de performance, a lógica mercadológica dispensa a mediação humana e a frustração e a falta inerente ao encontro (Fortes, 2009; Vigil 2024).

Vigil (2024) ressalta que o discurso capitalista opera por meio da rejeição ou forclusão da castração, instaurando uma lógica do "ter para ser" que tenta mascarar a falta estrutural do sujeito através do consumo. A respeito do que é o discurso para Lacan, Colette Soler (2011) diz:

O que Lacan chama os discursos (...) são os laços sociais. Cada discurso é uma modalidade, um tipo de laço social. O postulado (...) é que os laços sociais, os laços entre os humanos, com seus corpos e suas falas, são ordenados pela linguagem; só existem por serem ordenados pela linguagem. Pode-se dizer, para ir rápido, pois se conhece bem a famosa fórmula "o inconsciente é estruturado como uma linguagem", o postulado do campo lacaniano também determina que a realidade — entendendo a realidade dos laços sociais — é estruturada na linguagem e como uma linguagem. (Soler, 2011, p. 55)

Soler (2011) segue dizendo que o discurso capitalista trata-se de um funcionamento que "desfaz o laço social, ao invés de enlaçá-lo" (p. 55). Isso porque o laço social verdadeiro pressupõe a renúncia ao gozo absoluto e o reconhecimento mútuo da nossa incompletude (Vigil, 2024). Ao priorizar o consumo antes do encontro com o semelhante, essa lógica promove uma ilusão de completude que dispensa a mediação simbólica e aquele "tempo para compreender" que é fundamental para a subjetivação, como apontado no primeiro capítulo do presente trabalho. Fortes (2009), a respeito do enfraquecimento dos laços sociais na contemporaneidade, diz:

A partir da constatação da diminuição do campo da alteridade pode ser analisada a fragilidade dos laços sociais na contemporaneidade. O que se apresenta ao sujeito no campo da alteridade é limitado e empobrecido, conduzindo ao recrudescimento do gozo solitário. (Fortes, 2009, p. 1128)

No discurso capitalista estabelece-se uma relação direta entre o sujeito e o objeto de mercado. Para Vigil (2024), essa captura transforma a insatisfação constitutiva do ser humano em uma demanda insaciável comandada pelo mercado, na qual o sujeito, agindo como um empresário de si mesmo, busca no consumo e na performance um modo de defesa contra o desamparo. O resultado, conforme a perspectiva de Soler (2011), é uma subjetividade esvaziada e marcada pelo isolamento, na qual o outro é reduzido a um mero objeto descartável, fazendo com que o indivíduo permaneça distanciado do próprio desejo e inteiramente apartado do laço social.

Essa tentativa de forclusão da castração central na lógica capitalista, também está presente na estrutura da neurose obsessiva, que para se defender da própria falta, nega também a falta no Outro. Conforme esclarece Mello (2012), o neurótico obsessivo clama pelo "pai primitivo", imaginário, não castrado, como uma defesa contra o saber da castração, e

portanto contra o desamparo. Mello (2012), acerca de pai imaginário, diz: “O pai imaginário é aquele que se articula na dinâmica do ser, não ainda na dinâmica do ter, o pai imaginário é fora da castração, isto porque a própria criança é ela mesma situada fora da castração” (p.80).

Esse movimento, segundo Mello (2012) visa sustentar a "forclusão da castração", que é a rejeição da "falta inerente ao pai" (Melman, 2004 *apud* Mello, 2012). Desse modo, o sujeito obsessivo evita deparar-se com o enigma do desejo, reduzindo suas ações em torno de uma série de demandas, ou supostas necessidades.

Mello, a respeito dessa anulação do desejo, diz:

A anulação do desejo do neurótico obsessivo evita o choque com a castração na medida em que surge a servidão, colocando-se na vacância do desejo do Outro, anula-se o próprio desejo e o neurótico obsessivo se instaura como instrumento a serviço do desejo do Outro (Mello, 2012, p. 86)

Nesse cenário de rejeição da falta, o sujeito acaba por se aprisionar em uma "gaiola de ouro", oferecendo-se como "suplente da satisfação" para que o Outro não tenha espaço para desejar nada além dele (Mello, 2012, p. 87). Essa estratégia obsessiva tem o objetivo de tamponar o buraco da falta com a própria servidão e com rituais de controle que anulam a alteridade (Lacan, 2005 *apud* Mello, 2012). Anular a alteridade é nesse sentido tentar anular o desejo do outro, ou fazer com que ele não apareça, desejo esse que é devastador no sentido de denunciar a falta, a castração. Não querer saber do desejo do Outro é não querer saber do próprio desejo, é evitar o lugar do não saber, no lugar de desamparo.

Capturado por essa dinâmica, o discurso obsessivo é favorecido justamente devido à contradição da própria estrutura em relação ao desejo e ao Outro, já apresentada no primeiro capítulo. O sujeito é distanciado da própria subjetividade, ficando reduzido a uma cadeia de racionalizações e pensamentos ruminativos, permanecendo assim distanciado do próprio desejo e apartado do laço social, que por definição está diretamente relacionado à própria castração.

Após sucessivos movimentos feministas, os ideais considerados femininos passaram a ser dotados de múltiplas faces: independência financeira, realização profissional, pressão estética amplamente difundida nas mídias e redes sociais, além da exigência de conciliação de todas essas frentes com a maternidade. Esse acúmulo de expectativas e a inserção na engrenagem capitalista contribuem, de forma decisiva, para que haja cada vez mais mulheres cuja sintomatologia se aproxime mais da neurose obsessiva do que da histeria. Há uma virada na chave do discurso associado a uma defesa contra o mal estar da alteridade e do próprio desejo.

Segundo Jerusalinsky, a neurose obsessiva feminina é mais devastadora que nos homens, pois a mulher busca sempre um lugar de exceção, buscando resultados extraordinários em diferentes áreas da vida. Mello (2012) diz que a mulher obsessiva se identifica com aquilo que supõe ser fálico para o Outro, ou seja, ela tenta substituir o lugar do desejo do Outro, e nesse sentido ela se faliciza na tentativa de completar o Outro, ou de tapar o buraco no outro, para que esse buraco não apareça. Enquanto a histérica interpela o Outro, denunciando sua castração, a obsessiva se coloca como suplente da satisfação do Outro, numa posição de servidão, anulando assim seu próprio desejo e evitando o encontro com a própria castração (Mello, 2012).

Há uma contradição em relação à neurose obsessiva feminina que diz respeito à relação com a castração. Segundo Lacan, como aponta Mello (2012), a mulher é não toda na castração, pois não existiria A mulher, a figura de exceção que um dia não foi castrada, como existe no caso dos homens, que é o pai primitivo, que tinha acesso à todas as fêmeas no mito que Freud apresenta em Totem e Tabu (Mello, 2012). Mello explica:

a mulher obsessiva, assim como o homem obsessivo, tende a se colocar como objeto de desejo do Outro; no caso da mulher esse desejo implica numa tragédia, pois ela irá se identificar não com o ideal, uma vez que não há “A mulher”, mas sim com o imaginário do que ela supõe ser o objeto do desejo do Outro. Uma mulher obsessiva não é fálica, ela se identifica com tudo aquilo que ela supõe ser fálico para o Outro, o que para ela lhe asseguraria um lugar no desejo do Outro. Uma mulher neurótica obsessiva necessita encontrar um suporte fálico, para então encontrar nele aquilo que ela supõe ser o desejo do Outro. Neste sentido entendemos que a mulher obsessiva tem que, antes de tudo, fazer o pai, isto é, constituir a imagem do objeto de desejo do Outro, para então, e somente depois disso, poder confrontá-lo. (Mello, 2012, p. 183)

Segundo Jerusalinsky (1999), mulheres obsessivas estariam sempre buscando a realização de uma obra de exceção, por meio da qual haveria uma restituição fálica. O autor explica:

Entende-se bem por que a neurose obsessiva é devastadora numa mulher, quando se pensa que a filiação, ou seja, a instalação de um significante que subjetiva, é da ordem da significação fálica. É da ordem deste sujeito ter alguma versão do que o dotaria para o gozo na vida. Quer dizer que, para uma mulher, a restituição de sua condição fálica atravessaria, na neurose obsessiva, pela via da realização do ideal parental de uma obra de exceção; ela mesma se constituir na exceção fálica. E como a obra de exceção está fadada ao fracasso, somente poucas mulheres são capazes de se sustentar, desde a neurose obsessiva, frente a esta catástrofe fálica, já que não bastaria para essa mulher obter o falo no outro, (Jerusalinsky, 1999, p. 32)

Há uma busca incessante por ser a exceção, pelo lugar do reconhecimento perdido, fazendo com que mulheres inseridas no discurso obsessivo fiquem sempre à voltas com essa significação fálica. A contradição é que há algo nas mulheres que escapa ao chamado gozo fálico, que é passível de ser representado ou simbolizado, e esse algo além, é o que foge a

linguagem, é o que é da ordem do irrepresentável, pois não é simbolizável, e por isso não é fálico (Kehl, 2008), o gozo Outro, apontado por Lacan. Kehl afirma:

Pensar numa mulher como "não-toda" inscrita sob a ordem fálica não é pensar em uma alteridade absoluta (como fazem as teorias sexuais infantis), mas apenas em uma possibilidade a mais, um trânsito maior entre os modos de gozar. (Kehl, 2008, p. 249).

No entanto, o discurso obsessivo aprisiona as mulheres em uma busca por significação fálica, o que é devastador, pois para tentar sustentar um reconhecimento, que Jerusalinsky associa ao amor paterno, ela teria que fazer uma obra de exceção (Jerusalinsky, 1999). O aprisionamento nessa busca por exceção e reconhecimento é bastante condizente com a lógica do discurso capitalista. Ser apartada do próprio desejo e buscar incessantemente produzir para obter reconhecimento, e consumir, pois objetos de consumo são vendidos como possibilitadores de status social. O caminho percorrido nesse capítulo demonstra que o discurso capitalista e o discurso obsessivo são discursos que se retroalimentam, e que pra mulher isso é particularmente devastador. Por um lado, as mulheres ainda na atualidade se deparam com uma construção social falocêntrica, onde homens ainda estão no lugar privilegiado. Por outro lado, a construção psicanalítica diz de uma subjetividade constituída também a partir de um imaginário fálico, que a colocam desde o início na posição da castração absoluta, e por outro há algo de impossível na significação feminina, pois não haveria uma figura mítica feminina equivalente ao pai primevo, o não castrado, aquele que possui de fato o falo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do presente trabalho se deu a partir da constatação de que o sujeito do inconsciente é atravessado pelo seu tempo, e que uma das marcas da contemporaneidade é o esvaziamento da experiência associado a um tipo de pressa de viver associado à lógica mercadológica vigente no sistema capitalista. Partimos da discussão sobre a concepção de temporalidade comprimida, que por si só já é causa de sofrimento psíquico ao privar o sujeito da experiência subjetiva, chegando ao modelo contemporâneo de autogestão da vida. O sujeito contemporâneo, além de ser apartado do seu tempo em prol da cadeia produtiva, é levado a administrar sua vida sob um modelo de autogestão empresarial, sob uma pressão constante de produtividade e desempenho. Por consequência passa-se a demonizar o ócio.

O ócio possibilita o pensamento, que por sua vez está ligado ao tempo de compreender, e de elaborar, e é aí que está a experiência, que se dá na construção da relação entre passado e presente. Essa experiência é necessária para a própria constituição do laço social. A experiência diz de uma certa compreensão de que não há possibilidade de gozo absoluto, de que o desejo implica em falta, e de que as relações sociais só são possíveis devido a um não saber, sobre o Outro e sobre si mesmo.

Lacan postula que o laço social depende da dimensão da falta, e que o discurso capitalista, vigente na sociedade contemporânea implica em uma certa forclusão do laço social, onde o sujeito corre o risco de ser reduzido em um sujeito cujas relações são voltadas exclusivamente ao consumo. Dessa forma sua subjetividade fica cada vez mais esvaziada, pois a experiência, que pressupõe uma relação entre passado e presente para a construção de narrativas, é degradada em função de um tempo cronológico e utilitário, que é demandado apenas para produção e consumo, para a retroalimentação do sistema capitalista.

O presente trabalho hipotetizou que a sintomatologia da neurose obsessiva seria favorecida por essa lógica de produtividade e desempenho do mundo ocidental contemporâneo. A sintomatologia obsessiva implica em controle excessivo, racionalização, compulsão, dúvida e culpa. O sujeito fica aprisionado em uma ambivalência paralisante entre a necessidade de obedecer e o medo de ser engolfado pelas exigências do Outro. Não foi nossa intenção sugerir uma causalidade reducionista entre modelo socioeconômico e estrutura clínica, pois admitimos que a neurose obsessiva, enquanto estrutura clínica ou enquanto discurso defensivo, é resultado de diversos fenômenos que se iniciam antes mesmo da passagem pelo Édipo.

Na segunda parte do primeiro capítulo detalhamos um pouco mais a relação entre o Édipo e a constituição do supereu na determinação da neurose obsessiva enquanto estrutura. Concluímos o primeiro capítulo retomando o cenário contemporâneo para sustentar a hipótese inicial. Constatou-se que há um movimento subjetivo na neurose obsessiva que configura o desejo como algo estruturalmente impossível, na medida em que o sujeito anula sua própria singularidade para se oferecer como suplência ao desejo do Outro. No cenário contemporâneo, essa dinâmica de servidão voluntária e dívida simbólica impagável encontra um terreno fértil, onde a culpa superegóica e a busca por reconhecimento são retroalimentadas pela lógica neoliberal da performance, convertendo a ambivalência obsessiva em um motor de produtividade exaustiva e isolamento social. Apesar de haver essa relação com a produtividade, há ao mesmo tempo uma paralisação do sujeito em meio às possibilidades de escolhas muitas vezes esvaziadas, pois dizem de escolhas pré-determinadas ao sujeito, que fica apartado do próprio desejo.

No segundo capítulo, discutimos a incidência da neurose obsessiva, ou da sintomatologia obsessiva na mulher contemporânea, e constatamos que tal incidência traduz uma verdadeira "conjunção trágica" entre a estrutura de sua sexualidade e as exigências de um Outro que na organização social contemporânea tem uma relação intrínseca com o próprio discurso capitalista. Ao operar pela rejeição da castração, a engrenagem social contemporânea vende uma ilusão de completude baseada no consumo e na performance, empurrando as mulheres para uma "obsessionalização" do discurso. É justamente na ausência de um ideal universal que a define enquanto sujeito, dada a sua condição estrutural de "não-toda" na castração, que essa mulher se vê compelida ao que alguns autores chamam de "fazer o pai", por meio de uma obra de exceção. Trata-se do esforço incessante de construir um substituto fálico imaginário que lhe permita rivalizar com o suposto mestre ou, paradoxalmente, submeter-se a ele.

Em um cenário imperativo de performance, a culpa e a dívida simbólica impagável, ambas intrínsecas à estrutura obsessiva, transformam-se em combustível para uma produtividade exaustiva cujo fim seria uma obra de exceção inalcançável, que validaria sua existência e justificasse seu valor perante o Outro. Ao contrário da histérica clássica, que interpela e denuncia a falha do mestre, a obsessiva silencia seu próprio desejo ao se oferecer como uma espécie de "rolha" para tamponar a falta do Outro. O preço desse sacrifício é o aprisionamento em uma dinâmica de controle e servidão voluntária, dinâmica que culmina

em uma profunda devastação subjetiva, onde a singularidade é esmagada pelo peso de uma busca incessante por um ideal inalcançável.

Uma das questões mais fundamentais deste trabalho se deu na articulação, mesmo que implícita, entre a clínica psicanalítica e a crítica social, quando demonstramos como a questão do falo na neurose obsessiva encontra um certo espelhamento na forclusão do falo operada pelo discurso capitalista. Enquanto a estrutura obsessiva se organiza em torno de uma tentativa desesperada de negar a castração e sustentar a ilusão de "ter o falo" para completar o Outro, ou de se colocar como suplente do desejo do Outro, o discurso capitalista contemporâneo se pauta na rejeição da falta estrutural.

Essa forclusão do falo que o discurso capitalista, se dá no sentido de que o falo deixa de operar como o significante simbólico que limita o gozo e organiza o desejo, sendo substituído pela oferta incessante de objetos de consumo que prometem uma completude ilusória. É nesse cenário que a mulher obsessiva, diante de um modelo de sociedade que desfaz a alteridade e rechaça a singularidade subjetiva, se sente compelida a realizar o esforço hercúleo de produzir uma "obra de exceção" para sustentar um reconhecimento. Dessa forma, ao articular esses dois campos, o trabalho revela que o crescimento dos quadros obsessivos em mulheres pode ser o resultado de uma "obsessionalização do discurso feminino". Em última análise, a investigação aqui realizada denuncia que, quando o discurso social foraclui o falo e a castração, o sujeito obsessivo é esmagado por uma dívida simbólica impagável que se converte em exaustão e isolamento, o que causa um tipo de empobrecimento subjetivo que articula o sofrimento psíquico do sujeito contemporâneo.

Compreendemos que um estudo posterior seria necessário para detalhar melhor a estrutura do discurso capitalista e sua relação com os outros quatro discursos, do mestre, do analista, da universidade e da histórica, de acordo com a teoria dos discursos que Lacan, que hipotética que o discurso capitalista seria um quinto discurso oriundo de um desdobramento do discurso do mestre. Tal discurso, como dissemos no fim do segundo capítulo, ao contrário dos outros discursos, desfaz o laço social, e seria interessante abordar sua dinâmica em um estudo posterior para sustentar com mais robustez a hipótese desse discurso estar em consonância com a defesa obsessiva, em relação à castração. Acreditamos que assim poderíamos abordar melhor a questão do laço social em relação à neurose obsessiva.

Uma outra questão que merece atenção futuramente é a distinção entre neurose obsessiva enquanto estrutura clínica fixa e neurose obsessiva enquanto posição subjetiva ou discurso que se articula no sujeito independentemente da estrutura. Aqui adotamos uma

posição de que a sintomatologia obsessiva pode aparecer no sujeito independentemente da estrutura. Mas admitimos que mesmo sem a intenção de tratar os sintomas obsessivos enquanto exclusivos de uma determinada estrutura clínica, essa discussão merece maior atenção em um futuro trabalho cuja intenção seja detalhar melhor as particularidades clínicas da neurose obsessiva, tanto na sua gênese no desenvolvimento psíquico, quanto da sintomatologia.

Por fim, fica o convite para futuros trabalhos, ao abordarem a clínica da neurose obsessiva, possam fazer uma investigação que considere as dinâmicas sociais vigentes, pois o sujeito do inconsciente é sempre um sujeito de seu tempo. Defendemos assim que a clínica psicanalítica deve dialogar com a Psicologia social, de modo a compreender melhor o sofrimento psíquico dos sujeitos contemporâneos, evitando assim uma psicologização que padronize o sofrimento psíquico sem considerar a singularidade subjetiva daqueles que se constituem no laço social.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ívia. Imagens da mulher na literatura, na modernidade e contemporaneidade. *In*: FERREIRA, Sílvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do (org.). **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. Salvador: NEIM/UFBA, 2002. p. 85 - 98.
- BASTOS, Waieser Matos de Oliveira. Neurose obsessiva em mulheres. 2010. 92f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza (CE), 2010.
- CARNEIRO, Cláudia Aparecida; LAZZARINI, Eliana Rigotto. Origens e destinos da feminilidade em Freud e na contemporaneidade. **Alter: revista de estudos psicanalíticos**, [S. l.], v. 32-34, n. 2-1/2, p. 203-215, 2016
- CASTRO, Audrey Gonçalves de. Estratégias da neurose obsessiva nos “homens-ratos” contemporâneos. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 44, n. 83, p. 69-74, jun. 2022.
- CHEMAMA, Roland. A neurose obsessiva feminina hoje. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA)**, Porto Alegre, n. 17, p. 16-25, nov. 1999.
- COSTA, Ana Maria Medeiros da. A obsessão e a clínica contemporânea. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA)**, Porto Alegre, n. 17, p. 9-15, nov. 1999.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.
- FARIA, Michele Roman. **Neurose, psicose e perversão**: Lacan e as estruturas clínicas. São Paulo: Toro Editora, 2025.
- FINK, Bruce. **Introdução clínica à Freud**. Técnicas para a prática cotidiana. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Editora Zahar, 2024.
- FINK, Bruce. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**: teoria e técnica. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- FORTES, Isabel. A psicanálise face ao hedonismo contemporâneo. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 9, n. 4, p. 1123-1144, dez. 2009.
- FRANCO, Fábio; CASTRO, Julio Cesar Lemes de; MANZI, Ronaldo; SAFATLE, Vladimir; AFSHAR, Yasmin. O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo. *In*: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 47-75.
- FREUD, Sigmund. Manuscrito K: As neuroses de defesa (1896). *In*: FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose e perversão**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. São Paulo: Autêntica, 2016. p. 23–35.

FREUD, Sigmund. Caráter e erotismo anal. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 8**: o delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 350-358.

FREUD, Sigmund. Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"]. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 9**: observações sobre um caso de neurose obsessiva ["o homem dos ratos"], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 13-114.

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico (1911). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 10**: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"): artigos sobre técnica e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 10, p. 81-91.

FREUD, Sigmund. A predisposição à neurose obsessiva. (1913). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 10**: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"): artigos sobre técnica e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 10, p. 248-257.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 12**: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Conferência 17: O sentido dos sintomas. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 13**: conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 279-296.

FREUD, Sigmund. Conferência 18: A fixação no trauma, o inconsciente. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 13**: conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 297-310.

FREUD, Sigmund. Conferência 22: Algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão — etiologia. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 13**: conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 365-386.

FREUD, Sigmund. Conferência 25: A angústia. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 13**: conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 422-442.

FREUD, Sigmund. O eu e o id. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 16**: o eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 10-57.

JERUSALINSKY, Alfredo. Camille Claudel: uma neurose obsessiva feminina. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre – APPOA*, Porto Alegre, v. 17, p. 26-36, nov. 1999.

JERUSALINSKY, Julieta. Que rede nos sustenta no balanço da web? O sujeito na era das relações virtuais. **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, p. 13-38, 2017.

KEHL, Maria Rita. Blefe! Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), Porto Alegre, v. 17, p.79-82, 1999.

KEHL, Maria Rita. Sexualidade recontextualizada. *In*: FERREIRA, Sílvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do (org.). **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. Salvador: NEIM/UFBA, 2002. p. 11 - 22.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5**: as formações do inconsciente (1957-1958). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LUSTOZA, Rosane Zétola. O discurso capitalista de Marx a Lacan: algumas consequências para o laço social. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 237-252, dez. 2009. Disponível em: scielo.br. Acesso em: 24 jun. 2026.

MARIANO, Sandra Regina Turke. Manifestações obsessivas em mulheres: uma nova demanda?. **Revista SBPH**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, 2010.

MELLO, Marcelo Francisco de et al. **A neurose obsessiva na mulher: entre a exceção e a castração**. Dissertação de mestrado em psicologia clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

RIVERA, Tania. Subversões da lógica fálica – Freud, Lacan, Preciado. Subversions of Phallic Logic: Freud, Lacan, Preciado. **Psicanalistas pela Democracia**, 2019.

ROSA, Hartmut. O que é aceleração social? *In*: ROSA, Hartmut. **Alienação e aceleração**: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna. Tradução de Fábio Roberto Lucas. Petrópolis: Editora Vozes, 2022, p. 15-34.

ROUDINESCO, Elisabeth. A irrupção do feminino. *In*: ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 20-24

SANTOS, Eliziane Jacqueline dos. **O discurso do capitalista e a questão do sujeito do laço social**. 2009. 165 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SOLER, Colette. O discurso capitalista. **Stylus**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 55-67, 2011.

TAVARES, Gilson Iannini; HELIODORO, Pedro. Sobre amor, sexualidade, feminilidade. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras incompletas de Sigmund Freud**: Amor, sexualidade, feminilidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 7-35.

VIGIL, Livia Maciel. **Sub-versões do falo**: interrogantes sobre o lugar do feminino no discurso capitalista. 2024. Dissertação (Mestrado em Psicanálise: Clínica e Cultura) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.